This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

L Soc
3706
5

oc 3796.5

Harvard College
Library

FROM THE FUND BEQUEATHED BY
Archibald Cary Coolidge
Class of 1887
PROFESSOR OF HISTORY
1908–1928
DIRECTOR OF THE UNIVERSITY LIBRARY
1910–1928

VIDA
DO
INFANTE DOM DUARTE.

VIDA
DO
INFANTE DOM DUARTE
PELO MESTRE
ANDRÉ DE REZENDE,
MANDADA PUBLICAR
PELA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

Obſcurata diu populo, bonus eruet, atque
Proferet in lucem. . . . . Hor.

LISBOA
Na Offic. da ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.
ANNO M.DCC.LXXXIX.
Com licença da Real Meza da Commiſſaõ Geral ſobre o Exame e Cenſura dos Livros.

L Soc 3796.5

PROLOGO

HUM dos objectos das fadigas literarias da Academia Real das Sciencias, deſde a ſua origem, foi a indagaçaõ das obras ineditas dos noſſos antigos Portuguezes, das quaes ſe podeſſe eſperar, ou nova luz á noſſa hiſtoria, ou novo luſtre á noſſa lingua e litteratura. Hum e outro motivo a moveraõ a ordenar a publicaçaõ deſte opuſculo de André de Rezende, no qual ao meſmo tempo que ſe achaõ os feitos de hum Principe, por quem a Caza Real hoje reinante ſobio ao Throno, feitos pouco conhecidos, e de que o Author foi teſtemunha, vê-ſe juntamente huma pureza de lingoa, e huma locuçaõ natural e ſuave, cheia de urbanidade e de decóro, ſummamente propria do aſſumpto e das circunſtancias, que o moviaõ a eſcrever. O plano da obra moſtra-

no

no Author huma delicadeza de goſto, filha do conhecimento dos Gregos e Romanos originaes, e de hum largo exercicio de eſcolher as ſuas idéas e palavras, proporcionandoas com eſcrupuloſa attençaõ, ao tempo, ás peſſoas, e as circunſtancias, attençaõ, que he a unica origem de todos os acertos na materia de ſaber eſcrever.

Foi eſte opuſculo aſſáz conhecido deſde o principio, e delle faz menção Franciſco de Andrade na Chronica delRey D. Joaõ III. Parte 3. cap. 69. D. Antonio Caetano de Souſa tambem o cita na Hiſt. Geneal. da Caza Real l. 4. cap. 11.; mas por effeito de huma negligencia, que diſculpavel fora, a naõ ſer taõ frequente neſte Author, attribuio ao Cardeal D. Henrique, tudo o que ſe nelle diz do Cardeal D. Affonſo ſeu irmaõ. A Bibliotheca Luſitana affirma que o original, eſcrito e aſſinado por André de Rezende exiſtia nas

mãos

mãos de Jozé Freire Montarroyo Maſcarenhas. Naõ podemos dizer outro tanto do Manuſcripto, pelo qual a Academia mandou que ſe publicaſſe, ainda que de baſtante authenticidade, e de huma letra, que ſe deve julgar do tempo dos Filippes. Exiſte elle no Collegio dos Benedictinos de Coimbra, e foi communicado á Academia por hum dos ſeus Socios mais benemeritos o Reverendiſſimo Fr. Joaquim de Santa Clara. Lisboa 2 de Maio de 1789.

Josè Corrêa da Serra.

Errata		Corrige
Pap. 2.	lin. 16. *ragovos* - -	*rogovos*
. . . . .	lin. 17. *o* - - - -	*e*
pag. 19.	lin. 7. *cerratos* - -	*cirratos*

VIDA
DO
INFANTE DOM DUARTE,
DIRIGIDA AO SENHOR
DOM DUARTE,
DUQUE DE GUIMARAENS
SEU FILHO.

CAPITULO I.

POr falecimento do Infante Cardeal Dom Affonſo Voſſo Tio de glorioſa memoria, o Infante Dom Duarte Voſſo Pay, que eſtá em gloria, ſabendo que eu era ido a Noſſa Senhora de Guadalupe por ſeu mandado, pôs tanta diligencia em me mandar buſcar, que em Merida me achou hum homem da eſtribeira, que a iſſo inuiou com huma carta, em que me dizia, que nenhuma couſa fizeſſe de mi, até me naõ ver com S. A., porque ſe temeo, que eu ſabida a triſte noua da morte do Principe, que com tanto amor ſeruia, naõ

ſeria muito naõ tornar ao Reyno, como por ventura pela fantaſia me paſſou. E auiſado diſſo, o Enuiado naõ me largou mais, até ſer em eſta cidade, onde S. A. da volta do moſteiro de Penalonga, onde eſtiuera dando alguns dias ao nojo, e ſentimento, me mandou chamar, e em aquelle primeiro aſpecto deixou fazer aos olhos ſeu officio, des hi enxugandoos com huma Real e heroica humanidade, me diſſe aſſi. *Padre meſtre, eu ſei bem o amor, que o Cardeal meu Senhor e Padre, vos tinha, e a lealdade com que vos o ſeruieis, por o qual tenho para mi, que farei á ſua bemauenturada Alma grande ſeruiço, em vos agazalhar a vos comigo, e a mi comuoſco; ragouos que aceiteis aſſento em minha caſa para meu meſtre, o dos filhos que Deos me der, que o mais eu o prouerei como vos ſejais contente.* A iſto lhe naõ reſpondi mais, nem eſtaua a tempo para poder reſponder mais, que beijar-lhe por iſſo a maõ: bem que o goſto do Paço eu o tinha já perdido; mas merce taõ liberal e honroſa com que a podia eu ſeruir, ſenaõ com me entregar ao que S. A. de mi mandaſſe.

Fi-

Fiquei entaõ em ſeu ſeruiço com nome e officio de ſeu meſtre actualmente, e com direito de o ſer de V. Excellencia, e das Senhoras ſuas irmans, tanto que os noſſo Senhor trouxeſſe a idade competente para letras.

Naõ poſſui muito tempo eſte bem, por ſer Deos ſeruido leuar S. A. dahi a taõ poucos meſes. Eu como já corrido de tamanhos embates da fortuna, me recolhi á minha patria, e liuraria, até que o Illuſtriſſimo Cardeal Dom Henrique Voſſo Tio ſe quiz ſeruir de mi, as mais vezes em Evora, e algumas cá, ſendo inda forçado ver corte, contra meu goſto. O que foi cauſa de eu lançar maõ a requerer meu direito, tanto que V. Excellencia foi em idade para poder receber doutrina. Porem naõ fiz eu cá mingoa para iſſo: toda via para em alguma maneira hauer effeito o juro, que de S. A. me ficou, peço a V. Excellencia por merce, que em eſta ida de ſua, ja louuores a Deos crecida, e florecente, me ouça ſequer huma liçaõ, a qual eſpero em Deos, que ſe V. Excellencia tomar e guardar, delle poderaõ ficar exemplos aos

filhos, que lhe noſſo Senhor Deos dará, como do Illuſtriſſimo ſeu Pay ficaraõ muitos, que V. Excellencia deue ter por eſpelhos, e em elles a miude ſe olhar.

Seja a baſe e fundamento da liçaõ aquillo que Deos diſſe por Iſaias no cap. 51. *Attendite ad petram, unde exciſi eſtis, & ad cauernam laci, de qua præciſi eſtis. Attendite ad Abraham patrem veſtrum, & ad Saram quæ peperit vos. Attentai*, diz, *para a pedra donde foſtes cortados, e para a pedreira de que foſtes arrancados. Attentai a Abraham voſſo padre, e a Sara que vos pario.* Em os animos dociles e generoſos grande impreſſaõ fazem os exemplos dos bons, mas nenhuns tanto, quanto os familiares e domeſticos. Porque aquelles nos mouem, como actos annexos e produzidos da virtude; e eſtes alem de nos mouerem, ainda nos arrebataõ em hum certo amor, como poſſeſſaõ hereditaria de noſſos maiores, a que ſomos obrigados imitar. Freio e eſporas para os nobres filhos he a virtude de ſeus padres, e auôs. Vio bem iſto o mancebo Tobias, quando enſinado pelo Anjo Raphael,

phael, dizia: *Filii Sanctorum sumus.* E como tambem em vituperio dos naõ virtuosos, se lhes deita em rosto serem filhos de viles, e naõ bons padres; cá logo naõ falta quem diga: *Pater tuus Amorrhæus, mater tua Cetæa.*

Bem podera eu aqui dar trela ao estylo, e deixalo esprayar pelo campo das Escrituras assi Sacras, como profanas; mas a cousa em geral está taõ recebida, e approuada, que lhe faria aggrauo quem inda quizesse gastar palauras em a persuadir. Antes tornando sobre a proposiçaõ, que he o que mais importa, peço a V. Excellencia por merce, que attente de que pedra foi cortado, e de que pedreira tirado, e trazido a luz desta vida, que ponha os olhos no Illustrissimo Dom Duarte Seu Pay, que santa gloria haja, e na Illustrissima Dona Isabel que o pario, que viua muitos annos. Porque dos actos, e vidas de ambos, pode fazer hum grande cabedal de virtudes para com Deos, e de humanidade, e modestia para com o mundo.

Posto que quanto a isto, o que da Illustrissima sua mãy lhe podia pôr ante os olhos, mui-

saõ os da Alma; mas como para gabar huma bem ordenada caſa, a ordem do edificio parece que naturalmente precede o que das qualidades do hoſpede e morador della ſe pode dizer; aſſi para eſcreuer as virtudes do Illuſtriſſimo voſſo pay, começando pelo exterior, viremos a fallar quam nobre alma teue apouſentada em eſte nobre e generoſo domicilio corporal, de que Deos e natureza o ornaraõ. E daqui por diante deixarei de fallar com V. Excellencia, e irá o eſtylo ſomente como hiſtoriador, relatando as couſas em geral, até que ſeja tempo de epilogar, e concluir a liçaõ, que determinei de lhe ler.

CAPITULO II.

ENtre os filhos que delRey Dom Manoel, e da Sereniſſima, e Santiſſima Rainha Dona Maria ſua molher ficaraõ, o mais moço foi o Illuſtriſſimo Dom Duarte, o qual naſceo em Lisboa nos paços da Ribeira, aos ſete dias do mez de Setembro do anno de noſſo Senhor Jeſu Chriſto MDXV. Foi Principe dota-

dotado de perfeições corporaes, e tanto, que na idade de minino, e puericia ſe pode com razaõ chamar fermoſo, porque era muito alvo e rozado; tinha os cabellos louros, voltados em anneis, os olhos vivos e penetrantes, e todas outras feições boas e muito proporcionadas. E na idade ja crecida ſe podia contar entre os gentis e bem figurados homens, com a natural alvura mais temperada, e aſſás corada. Os cabellos caſtanhos, e a barba da meſma cor muito bem poſta e povoada. A eſtatura meãa, a corporatura quadrada, e varonil, forçoſo, e por iſſo muito fragueiro.

CAPITULO III.

FOi em todas as ſuas couſas aprazivel, e ſem pezadume, e na puericia taõ graciozo, que até as mininiſſes, e traueſſurinhas daquella idade lhe eſtauaõ bem, e tinhaõ graça. Eſtando ElRey que Deos tem na Chamuſca, e o Iffante Cardeal Dom Affonſo na Azinhaga, apouſentavaõ-ſe os Infantes Dom Hen-

Henrique e Dom Duarte com elle, como ſempre até lhes darem caſa. Enſinava os Infantes Gaſpar Moreira bom Juriſconſulto, e meaõ latino, mas pouco pratico, e accomodado ao modo que ſe haõ tratar os engenhos ſublimes e altiuos, e mais de Principes de taõ tenra idade; com o que os Infantes aproveitavaõ pouco, e elle lhes era enfadonho, que ouviaõ ſuas liçõeſ mais por reuerencia, e temor do Cardeal, que os conſtrangia, que por affeiçaõ do meſtre. Aconteceo huma ſeſta eſtando o Cardeal com ſeu meſtre Ayres Barboſa em liçaõ, e com elle ſeis, ou ſete, que nos ahi achámos, foraõ chamados os Infantes á ſua liçaõ, onde os eſtaua ſeu meſtre eſperando. E paſſando o Infante Dom Duarte por onde eu acertei de eſtar no topo de huma eſcada, que hia para o lugar onde hauiaõ de ler, trauoume da capa, e acenoume que foſſe lá; e eu diſſimuladamente aſſi o fiz. Diſſeme entaõ: *Rogovos que digais ao meſtre que naõ leamos, que faz grande calma.* Fallei ao meſtre, e elle ſe magoou tanto diſſo, e pôs tantas eſcuſas por parte do Cardeal, que naõ apro-

aproveitou para naõ entrarem em liçaõ. Eu torneime á do Cardeal. Dahi a obra de meia hora tornou o Infante apreſſado, e foiſe ao apoſento deitar na cama. Vioo o Cardeal, e perguntando porque ſe ſaira da liçaõ, diſſeraõ-lhe que hia mal diſpoſto com febre. Eſte rebate ſalteou ao Cardeal de maneira, que a ſua liçaõ ceſſou, e mandou logo chamar os medicos; porque álem de ſer tempo de peſte e muito ſuſpeitoſo, tinhalhe o Cardeal eſtremado amor. Vindos os medicos, o Cardeal ſe foi onde o Infante jazia, o qual nenhuma febre antes tinha; mas tanto que vio a reuolta, e toruaçaõ, alterouſe de tal maneira, que com o roſto todo esbraziado parecia arder com febre, e por febre dos mais dos medicos foi julgada; ſó hum diſſe que lhe naõ parecia perfeita febre. *Senhor* (diſſe eu ao Cardeal) *V. A. ſe torne á ſua liçaõ, e deixe reposar o Infante, e eu ficarei aqui para ſe o accidente crecer leuar recado a V. A.* E iſto lhe diſſe meio rindo. O Cardeal com ver que lhe dizia iſto mais leue do que a verdade requeria, lembrou-lhe que ao paſſar do Infante

me

me vira leuantar, e ir a elle, e quaſi entendeo o caſo; e fazendo ſair a todos, me diſſe: *Tende cuidado.* Como ficamos ſós, lhe perguntei. *Que he iſto, Senhor! Que acidente foi eſte taõ ſubito!* A que reſpondeo: *Saõ enfadamentos de Gaſpar Moreira; eu por naõ ler me fiz doente, mas confeſſovos que quando vi o Cardeal aſſi torvado, foi a minha vergonha tamanha, que me alterei, como viſtes. Ora, Senhor, deixemos a febre, e fallemos em couſas de paſſatempo.* Comecei-lhe entaõ a dizer patranhas gracioſas, com que o tornei alegre, e o acidente foi buſcar ſua vida. Naõ ſe pode o Cardeal ter, que nos naõ eſtiueſſe eſpreitando. E proſeguindo, me diſſe o Infante: *Olhai, rogovos que naõ ſaiba iſto o Cardeal, porque me naõ tenha em má conta; e todavia demme de cear.* Com eſte recado me fui ao Cardeal, que eſtaua já ledo, e rindo da traueſſura, e dizendo aos que ahi eſtauaõ que nunqua Fiſico curara febre mais a ſeu goſto, que eu aquella tarde.

CA-

CAPITULO IV.

POucos dias deſpois, huma tarde meteo-ſe o Cardeal com os Infantes em hum barco, a eſpaſſo, e a tomar a freſcura do ar, e das aguas do Tejo, com muſica de vozes, e inſtrumentos, indo ſentado em huma cadeira ſobre o leito da poppa. Os Infantes, como a idade era mais de folgar, e de correr, que de eſtar quietos aſſentados, andauaõ pelo barco, ora em proa, ora em poppa. Viraõ que leuaua o barqueiro hum ceſtinho, com obra de duas duzias de fermoſos figos berjaçotes, e mandauaõlho comprar; mas o barqueiro naõ lhos quiz vender. Mas em quanto elle andaua occupado na proa com a vara guiando o barco a huma e outra parte, por cauſa das areas: ex vem os Infantes, hum trazia o ceſtinho na maõ meio eſcondido, e outro com o corpo virado o ajudaua a encobrir, e metemſe no leito da poppa, ſem o Cardeal, nem os que em ſima hiaõ attentos na muſica attentaſſem para elles. Acertei eu de

eſtar

eſtar aſſentado no meio da borda do leito, e pendiaõme as faldas ſobre a porta delle; e vendoos entrar, quizme mouer para lhes naõ tapar a claridade, mas o Infante me acenou, que alargaſſe as faldas. Entendi que queriaõ eſtar ſecretos, e chegueime entaõ mais para onde os melhor encubriſſe, ſem ſaber mais da couſa, que verlhe o ceſtinho. Naõ tardou muito que o barqueiro, achando menos o ceſtinho, começou a fazer grandiſſimo arruîdo, e querelas em altas vozes, dizendo *de raſcões ladrões, filhos dos taes, e das taes, que haviaõ miſter enforcados.* Perguntoulhe o Cardeal que queixume era aquelle, e que lhe fizeraõ. *Senhor, furtaraõme hum ceſtinho de figos, que leuaua de encomenda.* Mandaua o Cardeal que lho buſcaſſem, vireime eu, e paſſo diſſelhe: *Naõ mande V. A. tirar deva ça, que eu me parece que os Infantes ſaõ culpados nella.* Diſſe entaõ o Cardeal: *Vinde cá meſtre, tomai hum teſtaõ por voſſos figos, e o ceſtinho parecerá, e naõ haja mais, nem falleis mais aquelles nomes contra os raſcões por amor de mim.* O arruido acabado, e o bar-

barqueiro pacifico, com ſeus figos bem vendidos, ex ſaem os Infantes muito diſſimulados, ſem lhes parecer que o Cardeal ſabía do caſo; e ſentados junto delle, pôs o Cardeal os olhos no Infante, a que elle era muito affeiçoado, e perguntoulhe ſe achara os figos de bom comer, e quantos vieraõ a ſua parte. Elle corouſe todo de vergonha, e tornando ſobre ſi, reſpondeo: *Senhor, eraõ muito bons, e a mim me couberaõ quinze. Pois bem vos parece*, diſſe o Cardeal, *furtardes os figos alheos?* Reſpondeo: *Senhor, foi mal feito, peço a V. A. que me perdoe; mas o Infante meu irmaõ lhe mandaua dar por elles hum vintem, e o barqueiro nunqua os quiz dar, e eu tiue tamanha raiua do villaõ, e tamanho appetite dos figos, que ficara hoje triſte, ſe lhos naõ tomara.* E iſto foi dito com tanta graça, e taõ airoſa continencia, que naõ houue quem naõ rompeſſe em riſo; e a ſua deſculpa taõ gracioſa baſtou para naõ hauer mais outra muſica, que a raiua e appetite do Infante, e deſpois inda dous ou tres dias foi a couſa aſſaz feſtejada.

CA-

CAPITULO V.

POuco tempo deſpois, eſtando ElRey, que Deos tem, e a Rainha noſſos Senhores em Coimbra, onde lhes naſceo a Princeza ſua filha, pouſaua o Cardeal com os Infantes em huma parte dos Paços. Andava em ſua caſa Fernaõ Barboſa, moço pouco mais que da idade do Infante Dom Duarte. O qual moço por ſer filho de Ayres Barboſa meſtre do Cardeal, e ſe criar em ſua caſa, e ja latino honeſto, era fauorecido. Entrou hum dia onde o Infante eſtaua brincando com alguns moços fidalgos, e leuaua huma vara louçãa na maõ, traço, ou andaço daquelle tempo, como em Portugal ſe uſaõ muitos, que duraõ huma temporada, e naõ por mais que por imitar, e arremedar alguem, a que eſteue bem fazer aquillo. Cubiçou o Infante a vara, e pedio-lha por vezes; foi o moço taõ contumaz, que lha naõ quiz dar. O Infante vendo que perſeueraua em negar, remetteo a elle para lha tomar por força, mas o moço a quebrou primei-

meiro, antes que lha largar. Creceo a colera ao Infante, e vendo a deſcorteſia de que uſara, lançoulhe a maõ a huma eſcoſia de ſeda, que na cabeça trazia, porque eſtaua rapado de freſco á navalha por cauſa de buſtellas e ſarna, e quebrandolhe as ataduras, lha rompeo, e o moço ficou com a cabeça rapada deſcuberta em meio de todos, que lhe por iſſo acudiraõ com huma grande riſada, e apupada, e elle ſe acolheo corrido com ſua rapada á defora. Toda via o Infante poſto que ſe vingou, cuidou no que tinha feito, e que por aquelle ſer filho do meſtre, e fauorecido, podia o Cardeal ter deſprazer, recolheoſe para huma camara onde dormia, e eſtaua penſatiuo, e receoſo. Sobre vim eu, e vendoo aſſi, lhe diſſe: *Bem, Senhor, que couſa he aſſi eſta? Como eſtá V. A. ſó e triſte?* Contoume o caſo, e naõ ſem algumas lagrimas, com que ficou mais fermoſo, dizendome: *Que dirá o Cardeal ſe iſto ſouber! Que dirá Ayres Barboſa? Demo foi aquella vara hoje.* Conſoleio, e diſſelhe: *Calleſe V. A. que eu me atreuo a temperar tudo iſſo. Ora rogovolo mui-*

to , que naõ ouzo parecer lá. Fuime ao Cardeal que eſtaua em liçaõ, e conteilhe o caſo por gráça. O qual por amor do meſtre quiz moſtrar que lhe pezaua. Mas o meſmo meſtre, como era homem prudente, e de condiçaõ branda, ſe pos da banda do Infante contra ſeu filho, e me ajudou a dar alegria á graça. Com o que o Cardeal tambem ſe alegrou, e diſſe: *Ora pois aſſi he, e vos parece graça, graça ſeja; e aqui ſe acabe a liçaõ, que o mais tempo que houuera de durar, quero gaſtar em fazer deſſa graça hum Epigramma*; o qual fez, e bem preſtes, porque tinha diuino engenho, e eſcreuia em verſo facilmente, e ficaraõ delle muitos verſos, que eu collegi em hum liuro, que dei a ElRey que Deos tem. O Epigramma foi o ſeguinte.

Digna quidem riſu pugna eſt commiſſa duobus
Qui ſint, quæ fuerit, dicite Pierides.
Quum Vernande manu virgultum forte moveres,
Eduardus Princeps id ſibi habere cupit.
Et nunc pro imperio jubet is, nunc obſecrat, inde
Vim parat, & totis viribus illud agit,

At

At tu nec precibus, nec vi permotus, id unum
Ne virgam ille ferat, quam cupiebat, agis.
Pœneque jam victus, potius bis, terque petitam
Fregiſti, puero quam obſequerere puer.
Ille ferox, manibus diſrupit vincla mitellæ,
Velabat raſum quæ tibi forte caput.
Raſus ad uſque cutem cerratos inter herileis
Ridiculo exceptus proruis inde foras.
Sed male, quod tandem virga ſine manſit uterque
Quum duplici virga dignus uterque foret.

CAPITULO VI.

EM Euora eſtando huma vez o Cardeal no Paço, o Embaixador de Caſtella lhe pedio licença para ir viſitar os Infantes, que com elle pouſauaõ. O Cardeal acautelado do que podia ſer, mandou a Henrique Moreira que foſſe aos Infantes para os aduertir, e auiſar da viſitaçaõ do Embaixador. Henrique Moreira achou o Infante Dom Duarte em hum quintal com hum francelho na maõ, e com tres ou quatro moços fidalgos em preſſa de tirar ninhos de pardaes para o francelho; e quan-

do lhe deo o recado do Cardeal, porque o Infante ſe detinha, como que lhe pezaua de deixar aquelle goſto, lhe diſſe o Moreira. *O' Senhor, recolhaſe V. A. naõ vos ache o Embaixador aſſi.* A iſto reſpondeo o Infante: *E que vai niſſo? Acharme-há em meu officio; o Embaixador naõ naſceo homem creſcido, e em algum tempo elle já ſeria moço.* E toda via dizendo iſto, recolheoſe preſtes; e tomando hum roupaõ, ſe ſentou, e eſteue praticando com os que ahi eſtauaõ, onde o Embaixador o achou com muita grauidade, e foi muy contente de ſua maneira, e moſtras de grande e prudente Principe.

Deſta maneira hauia muitas couſas que contar gracioſas, mas eſtas quanto á idade de minino baſtem, em as quaes he de notar o muito acatamento que ao Cardeal tinha, que ſempre punha diante: *Que dirá o Cardeal, e em que conta me terá?* Tanto já naquella idade inda tenra o eſtimulaua a vergonha, e ponto de ſua reputaçaõ. E tratando nas couſas da idade já mais esforçada, e creſcida, foi o Infante que haja gloria, dado á muſica, e taõ

deſtro

deſtro em ella, que ſem prever, cantaua qualquer papel que lhe preſentaſſem, e com gentil ar, e melodia. Fazia trovas ſentencioſas, e guardadas todas as leys, e arte de bom trovar. A's armas teue natural inclinaçaõ e deſejo. E como couſa a ellas ſemelhante, foi grande caçador, e monteiro; e tanto, que parecia exceder o modo, porque por matar hum porco montez, ou hum veado, dormia muitas vezes no campo veſtido, e ao ſereno. Do que ſendo reprendido por hum ſeu priuado, a quem por ventura naõ agradaua muito ſerlhe companhia em aquelle trabalho; elle lhe reſpondeo logo, e ſem muito ſe deter. *O' N. mal poderáõ os homens ſofrer o exercicio militar, quando a honra e neceſſidade os conſtranger, ſe deſda mocidade ſenaõ avezarem ao canſaço, vigilia, calma, e frio; eſte laborioſo exercicio da caça e montaria he huma imagem da vida militar, e quaſi ſombra da guerra em tempo de paz, com que os membros enrijecem, e ſe fazem habiles para ſoſter o pezo das armas, e naõ deſmayarem quando nos trabalhos militares ſe acharem* Aprendeo

deo a jogar das armas, e eſgrima, o qué fazia com ſingular deſenvoltura, e deſtreza. Há ahi peſſoas dignas de credito, que certificaraõ veremlhe por vezes tomar huma eſpada pelos cabos, e remeçando com força e arte, paſſar qualquer couceira de porta. E prezavaſe de o fazer diante de mancebos fidalgos, a quem elle deſejaua eſtimular á boa manha das armas, por ſeu exemplo, por a ellas (como diſſe) ter natural inclinaçaõ.

CAPITULO VII.

FOi de condiçaõ Real, e liberaliſſima, ſe o Cardeal baſtara a ſupprir ſeu deſejo. Sendo inda de idade até doze annos, eſtando ElRey em Euora, foi com o Infante Dom Henrique ſeu irmaõ folgar á Oliueira, quintãa e pomar de Martim Affonſo de Mello de Miranda, onde entaõ eſtaua, e a feitorizaua Henrique da Motta, amo do dito Martim Affonſo, homem de ſangue e criaçaõ, e muito gazalhoſo. O qual depois de andar com os Infantes pelo pomar deſenfadandoos, e tirando

do á béſta, ordenou de lhes dar de merendar á borda da fonte, e que ſua filha Maria da Motta, moça bem entendida e fermoſa, lhes tiueſſe a merenda preſtes, e ella meſma os ſeruiſſe. Chegados á fonte, e vendo que a moça os hauia de ſeruir, deſpejaraõ todos de ſi, e mandaraõ que ninguem pareceſſe pelo caminho da fonte até a caſa, por onde a moça hauia de andar, ſó hum minino fidalgo mandaraõ ficar. A merenda a ſeu goſto acabada, o Infante diſſe á moça: *Maria da Motta, nós ſomos voſſos deuedores; tomai eſtas luvas em penhor, e mandarmas-heis á cidade.* Tomou a moça as luvas com acatamento, e depois de as beijar, lhas tornaua, dizendo: *Senhor, as luvas iraõ melhor nas mãos de V. A. que ficarem em meu poder; que quanto ao penhor, pois V. A. me quer fazer merce, aſſi como de ſi meſmo o commette, ſem meu requerimento, aſſi per ſi ſe lembrará de a acabar, ſem penhor que por ella deixe. Toda via* (diſſe o Infante) *fiquemvos, porque nós hauemos de ir folgando, e naõ quero levar as mãos pejadas.* Guardou a moça as luvas, e

man-

mandando comprar outras nouas, as adubou, e perfumou; e envoltas em hum lenço galante, que fizera ella, as mandou por ſeu pay ao Infante, pedindolhe por merce que ſe ſerviſſe de aquellas, e as ſuas lhe deixaſſe ter, para ſe com ellas honrar. O Infante deſpois de com palavras lhe dar agradecimentos, e gabar a diſcriçaõ da moça, mandou trazer cem cruzados, e naõ ſei de onde, porque nem o Infante Dom Henrique, nem elle tinhaõ inda caſa; e mandandolhos dar, lhe diſſe rindo: *Henrique da Motta, ſeja iſto para hum veſtido de voſſa filha, que taõ bem ſabe melhorar os penhores.*

CAPITULO VIII.

SEndo já mancebo, andando á caça de altanaria pela ribeira do Diuor, junto de Arrayolos, remontouſelhe huma garça, e Pardales Caçador, e Marlot Inglez, que com elle hiaõ, e outros, ſeguiraõ as aves quanto mais podiaõ, contra a ribeira de Pontiga. O Infante indo tambem ſeguindo chegou a hum moi-

moinho, lançavaſe huma atarrafa, deteveſe, e eſperou a ver o lanço, e vendo que tirara ſomma de bordallos, e picões, lhe diſſe: *Homem honrado, quereisme convidar ao almoço com eſſes peixes? Si Senhor* (diſſe o homem) *e com huma tijella de bom leite annojal*, e lançoulhe maõ do freio, e ajudouo a decer, e prendeolhe o cauallo, em quanto ſe aſſaraõ os peixes, lançou outras vezes a atarrafa, e tirou muitos peixes, com grande alegria do Infante, que lhes punha as mãos, e os ajudava a tirar da rede. Feito preſtes o almoço, ſe meteo dentro no moinho; e ſentandoſe á meſa, a molher do homem lhes pôs bordallos aſſados com huma coentrada pizada com folhas d'alho, e huma tijella de leite. Elle diſſe entaõ ao homem: *Hoſpede ſentaivos, e almocemos.* E recuſando elle de o fazer, lhe tornou a dizer: *Sentaivos aqui comigo* Entaõ lhe replicou o homem claro, porque até entaõ fez que o naõ conhecia: *Senhor, naõ mo mande V. A. Aſſaz merce me fez Deos em V. A. querer de mi eſte pobre ſerviço, mas V. A. almoce, e minha molher ſeruirá, e eu pe-*

pejarei as moòs , porque a faulha naõ enfariabe a V. A. E apartouſe o Infante de o conhecer, porque no traje de calças, e calções, e jaqueta, e gualteira de panno verde, pouca differença havia delle a Pardales, e a Marlot, e aos outros. Almoçou o Infante, e vendo hum filho do homem, minino de ate quatro annos, fermoſo, e louro, o tomou nos braços, e o eſtaua amimando. Tornou a montar a cauallo, a tempo que ja os ſeus tornauaõ em buſca delle. E vendo que chegauaõ, diſſe ao homem : *Hoſpede, agradeçovos muito eſte gazalhado, e digovos que ha muito tempo, que naõ comi couſa de tanto meu goſto; rogovos que me vades ver á cidade, e levaime huma duzia deſtes bordallos* E volto contra os ſeus todo alegre, lhes diſſe : *Mandovos eu, que melhor cacei eu que vós.* E em iſto lançou o cauallo, e os ſeus apòs elle, e Pardales renegando delle, e de ſua caça. Dahi a ſeis oũ ſete dias, o homem com hum gentil preſente de peixes o foi viſitar, e foi taõ bem recebido, que o Infante o abraçou, e por derradeiro mandava que foſſem com elle a caſa

de

de hum mercador, e lhe tomaſſem panno para ſe veſtir elle, e ſua molher. E logo tornou, dizendo: *Eſpera, melhor he que vá elle meſmo, e tome iſto á ſua vontade.* Mandoulhe entaõ dar cincoenta cruzados, e fez trazer hum roupaõ de ſeda leonada; e deulho, dizendo: *Eſte leuai para fazerdes hum veſtido a aquelle voſſo filhinho.* E affeiçoouſelhe tanto, que o commetteo ſe queria viuer com elle, e o filhava de Eſcudeiro de ſua caſa. Naõ o quero nomear, poſto que bem ſei diſto parte; porque ſendo elle de gente, em que a merce que o Infante lhe queria fazer em o filhar por ſeu, muito bem cabia, e mais que tinha fazenda groſſa, teue taõ baixos os eſpiritos, que naõ lançou maõ de taõ Real offerecimento.

CA-

CAPITULO IX.

ESTando ElRey em Lisboa, e o Cardeal em Evora, o Infante o foi viſitar, e deſenfadar-ſe lá alguns dias pelos campos, e ribeiras. Hum dia ſabendo de certas garças, determinou ir cedo, e por iſſo naõ eſperou pelo jantar do Cardeal, mas ja em traje de caça comeo, eſtando Pardales com hum açor na maõ, quaſi apreſſandoo. Tinha o Cardeal entre outros porteiros hum Filippe de Britto gracioſiſſimo em contrafazer linguagens, e modos de prazer, como hora Joaõ Nunes. Eſte vendo a importunidade, com que Pardales inſtava que o Infante ſe deſpachaſſe, determinou de fazerlhe huma burla gracioſa. Veſtioſe preſteſmente em traje de molher, com ſeu manto cuberto, e rebuçado á Caſtelhanha, e entrou pela camara, em que o Infante eſtaua á meza, a grandes vozes dizendo: *Juſticia, Señor, juſticia.* Deraõlhe lugar, e o Infante lhe perguntou de quem pedia juſtiça. *Señor*, diſſe elle, *de aquel mal hombre, que tiene*

tiene aquel paxaro en la mano, que me ſacò de Caſtilla de caſa de mi padre, con promeſſa y juramento de caſarſe conmigo, y dexôme como traydor, y tomò no menos de dos, o tres, con que eſtá abarregado. Olhou o Infante para Pardales, e elle todo torvado reſpondeo: *Señor, juro a los Santos quatro Euangelios, que miente, que nunqua tal fue, ni ſé que Diablo de muger ſea eſta.* Acudio a molher contrafeita: *Ay mal hombre, quemado ſeas por mal Chriſtiano; mire V. A. aquel deſcarado con que deſuerguença niega la verdad: y como muger era yo para anſi perderme por un cabeça de barril?* Proſeguio outras muitas couſas com tanta graça, que o Infante, que do caſo ſabia, naõ podia ter o riſo. Elle levou entaõ do manto, ficando como molher corcouada, e foiſe contra Pardales, bailando, e dizendo: *Ven acá vellaco, que tu te me ſolias alabar de bailador, baila ahora aqui conmigo delante de ſu A.* E deſembuçouſe e ficou Britto. A feſta foi de tanto riſo, que Pardales ſe ſahio enojado, jurando e tresjurando de ſe ir logo, e deixar o Infante. Leuantouſe o Infante,

te, e foi a elle, que eſtaua taõ arrufado, que nem virarſe queria. *Que couſa he eſta, Pardales amigo, porque eſtais taõ menencorio?* E começou de o abraçar, e afagar. Elle faziaſelhe cada vez mais brabo, dizendo: *Dexeme V. A. que no tengo de ir con el, pues que en ſu preſencia me injuriò aquel truhan.* Tornoulhe o Infante: *Olha, Pardales, alli naõ cabe injuria em couſa de folgar, e caça; ſofreio vós, e leuaio em jogo, como eu faço quando vós na caça me chamais filho de tal, e que renegais da mãy que me pario. E ſe toda via vos haveis por injuriado, eu quero emendar a injuria, e façouos merce de trinta cruzados para hum veſtido.* Com eſta nobreza, e facilidade ſe aplacou a furia de Pardales, e foiſe a ſua caſa, e taõ contente da merce, quanto goſtoſo ficou o Infante de lha fazer, e alegre da graça paſſada.

Hum Chriſtaõ novo, chamado Páz, trouxe de terra de Braga ao Cardeal hum Joamni velho parvo, da mais ſimples, ignorante, e naõ contrafeita paruoiſſe, que ſe podeſſe imaginar. O qual aſſi na eſtatura, e feiçõeſ, como

mo nas fallas ſempre ſem propoſito, e nos feitos era a intima graça, ao qual deſpois chamauaõ Dom Joaõ. Deulhe o Cardeal o meſmo Páz por ayo, e por iſſo lhe fazia merce, e o Páz ſe ſabia bem aproueitar com ſeu pupillo, e fazia bem ſeu caſo com elle, levandoo hora a ElRey, hora á Rainha, hora aos Infantes, que naõ havia miſter mais feſta para alegrar huma peſſoa malenconizada. Com o qual favor o Chriſtaõ (poſto que fallo mal, que o naõ era, como no fim moſtrou) era taõ entromettido, e ſoberbo, que muitas vezes cahia em deſcortezias, fazendoſe caro e pezado em levar o Dom Joaõ aos Principes, ſe cada vez que o levava naõ trazia alguma merce, que elle bem ſabia procurar. Enfadado diſto o Infante Dom Duarte, e mais por ter informaçaõ, que ſobre tres recados ſe fora eſconder em caſa de hum, que ſe preſumia ſer Rabbí, a quem o Páz muito frequentava, lá o mandou deſencovar, e fazer vir com o Dom Joaõ. Eſteue o Infante deſenfadandoſe até o jantar, mandando alli dar de comer ao Dom Joaõ no chaõ, e

rindo

rindo das graças que fazia com o pichel, pedindo licença para beber: *Bebo, Senhor, ſi bebo.* Acabada a meſa, o Paz ſe quizera ir para a pouzada, e diſſelhe o Infante: *Paz, naõ te vás, eu quero que comas aqui perante mi por tua honra, e de teus parentes.* Chamou entaõ André Alvares ſeu Repoſteiro, a que tinha enſayado do que hauia de fazer, e diſſelhe: *André Alvares, ponde aqui huma meſinha, e banqueteaime Paz muito bem, e vós meſmo o ſervi, que quero leve eſta honra.* E fez que ſe ſentaſſe e cobriſſe, e mandoulhe dar agua ás mãos. *Hora sùs trazeilhe de comer.* Veio André Alvares com huma grande eſpetada de toucinho, o mais gordo que pode achar, e pôslho diante. O Chriſtaõ novo ficou taõ enfiado, e fogiolhe o ſangue de maneira, como ſe alli vira dez Mouros contra ſi armados. Ao qual o Infante diſſe: *Come Páz, que he muito bom.* Comeo hum pouco com a vontade que Deos ſabe; e naõ podendo ir por diante, diſſe o Infante a André Alvares: *Trazelhe outra iguaria, algum paſtel.* Trouxelhe hum valente paſtel do meſmo toucinho. *Muito*

to bem cheira, diſſe o Infante, *inda mal porque a mi naõ mo deraõ. Come bem delle.* Começo por ſe fazer valente, mas de maneira que tinha aſſaz trabalho em fazer ir o bocado para dentro, que botava para fóra. E dizendo: *Senhor, naõ poſſo mais. Hora* (diſſe o Infante) *trazelhe o cozido.* Veio André Aluares com hum grande prato cheio do meſmo toucinho. O Páz quando o vio, levantouſe, dizendo: *O' Senhor, naõ me mate V. A. Naõ*, diſſe o Infante, *come naõ ſejas parvo, que por tua honra o faço.* Foi para comer, e engulhou taõ fortemente, que ſe levantou meio finado, e naõ pode chegar bem fóra da camara, onde o Infante eſtaua, que o eſtamago naõ vieſſe pela boca fóra, e parecia que as tripas queriaõ fazer outro tanto. O Infante farto de rir, mandou que André Aluares lhe deſſe agua para lauar a boca, e roſto; e chamandoo, lhe diſſe: *Que foi iſto Páz? Senhor*, diſſe elle, *pelo verdadeiro Deos que me mataſtes. André Alvares* (diſſe o Infante) *traze a Páz aquella panella de mel rozado, e aſſentarlhe-ha o eſtamago.* O mel roſado era de roſas Ale-

xandrinas. Fezlhe o Infante comer muito, e elle aſſi fazia, naõ ſabendo o que era, ſalvo que o achaua mais ſaboroſo, que as iguarias da meſa. Entaõ o Infante lhe fez comer meia panella, e ſobre elle lhe deraõ bom pucaro de agoa; mandou entaõ o Infante que ſe ſentaſſe em huma cadeira de eſpaldas das ſuas, por mais honra. Sentouſe, mas naõ tardou muito que ſenaõ começou a confranger, e pedir licença para ſe ir. Detinhao o Infante, mas elle botou pela porta fóra, e já que vinha na ſala, mal pela camiſa, e calças, e pelos narizes de muitos.

Dahi a obra de hum mez mandou o Infante buſcar ao Dom Joaõ, e o Páz naõ eſtava ahi, andou o moço da camara tanto inquirindo, até que foi dar com elle em caſa do Rabbí; o que ſabendo o Infante, lhe diſſe: *Páz auiſate naõ vás a caſa de homem infamado de Judeo, e Rabbí.* E o Páz com aſſaz deſpejo, e pouca vergonha de muito confiado, lhe reſpondeo: *Senhor, folgo de aprender.* Diſſe entaõ o Infante: *Eu te dou por meſtre, e doutor, e por iſſo te quero pôr barrete*

rete de Doutor. Mandou entaõ trazer hum barrete nouo com huma borla de ſeda amarella, e todo por dentro untado com termentina, e diſſe ao Páz: *Sentate em aquella cadeira, que te quero pôr eſte barrete por tua honra, e de teus parentes*. Pôslhe entaõ o barrete, que era ſobre apertado, encaſquetandolho bem, e naõ conſentio que o tiraſſe, mandando que tiveſſem reſguardo: com a quentura da cabeça, e demora do tempo, a termentina ſe ſecou de maneira, que o barrete deſpois naõ podia ſair ſenaõ em pedaços, e arrancandolhe parte dos cabellos da cabeça, ficando os outros em tamanho pegamaſſo, que foi neceſſario raparſe, com aſſaz trabalho e dor. Cuſtavaõ porém eſtas graças ao Infante alguma couſa do ſeu, porque ſempre depois dellas lhe fazia merce, e auiſandoo, e dizendolhe que aquillo lhe mandaua fazer como caſtigo. Mas o deſmazelado naõ ſe ſoube guarecer, nem remediar, que naõ houveſſe máo fim; porque ſendo prezo pela Santa Inquiſiçaõ, ſem querer confeſſar ſeu erro, elle meſmo procurou ſua morte, ou ſegundo alguns dizem, deraõ-

lhe peçonha, aſſi que naõ revelaſſe o que outros receavaõ ſer deſcuberto e ſabido.

Mandou huma vez chamar hum mercador ſeu familiar para tomar certa roupa que hauia miſter, e acertou ſer Sabbado aquelle dia. Com logo vou, eſperou o mercador tres recados, e em fim naõ veio; o dia ſeguinte, que era Domingo, veio. Perguntoulhe o Infante como naõ viera. *Senhor* (reſpondeo elle) *já V. A. ſabe que era Sabbado.* Callouſe por entaõ o Infante, e perguntoulhe ſe tinha a dita roupa que havia miſter. E dizendo que ſi, mandou ao Veedor que tiueſſe cuidado de mandar por ella. Trazida a roupa, naõ tardou o mercador em procurar o dinheiro. Mandoulhe o Infante dizer que tornaſſe outro dia, porque aquelle era dia de Santa Engracia Virgem e Martyr. Tornou outro dia, mandoulhe dizer que era ſeſta feira dia dedicado á Paixaõ de noſſo Senhor Jeſus Chriſto, que tornaſſe ao outro dia. O outro dia naõ tornou elle, por ſer Sabbado, mas ao Domingo teve cuidado; mandoulhe o Infante dizer que era Domingo. Tornou á ſegunda feira, mandou-

doulhe dizer que era dia de Saõ Jorge. A' terça mandoulhe dizer que era dia de Santo Alexandre Martyr. A' quarta mandoulhe dizer que era dia de Saõ Marcos Euangeliſta. Em fim tornando á quinta, o mandou entrar; e querelandoſe o mercador de ir tantas vezes ſem poder fallar a Sua A., o Infante lhe diſſe: *Se vós taõ bem guardais o Sabbado contra a fé, e baptiſmo que recebeſte, porque naõ guardarei eu os dias dedicados a Jeſu Chriſto Senhor meu Deos, e a ſeus glorioſos Santos. Hora lembrevos que vos naõ publiqueis por judeo com tanta deſenuoltura*, e mandoulhe pagar ſua roupa.

CAPITULO X.

NAturalmente teve inclinaçaõ ás letras, poſto que naõ pôs em ellas tanto exercicio, polo eſtado, e fito de ſua vida naõ ſe endereçar a eſſa profiſſaõ, e teue ſingular engenho, e habilidade para ellas, com huma memoria eſpantoſa, e naõ ſei ſe diga monſtruoſa. Eſtando ElRey, que Deos tem, em Evora, quando eu vim de França e Flandes

no

no anno de 1534 fizlhe mençaõ da erudiçaõ e virtudes do Licenciado Nicolao Clenardo Flamengo, que eu de Louania conhecia, e com quem me exercitaua na lingua Hebraica hum pouco de tempo, e contratara entre elle, e Dom Fernando Colon Seuilhano, como ſe vieſſe a Eſpanha, e logo com promeſſa, que ſe ElRey noſſo Senhor ſe quizeſſe ſeruir delle, viria para eſte Reyno. Hora ao tempo que eu vim elle eſtaua em Salamanca já fóra de Dom Fernando, e lia em aquella Univerſidade com muita honra e frequencia. Dei conta delle a ElRey, e que me pareçia muito para meſtre do Infante Dom Henrique, que ſeguia o eſtado Eccleſiaſtico; e que para Principe taõ virtuoſo, e Religioſo como o Infante entaõ era, como mais perfeitamente depois ſe demoſtrou, naõ ſe acharia facilmente outro que mais convieſſe. Quadrou iſto a ElRey, e mandoume a Salamanca para o perſuadir que vieſſe, e em nome de Sua A. aſſentaſſe com elle o partido, que me pareceſſe razoado, e honeſto. Eu o fiz aſſi, e o trouxe comigo; e deſpois de beijarmos a maõ a El-

ElRey, o levei ao Infante Dom Henrique, para o meſmo. Fezlhe Clenardo huma breve falla, e o Infante me diſſe que lhe reſpondeſſe, e diſſeſſe quanto com ſua vinda folgaua. Eu, por logo começar a deſenvolver o Infante, lhe reſpondi. *Senhor, boca tem V. A. elle por ſi lho diga, e pois ha de ſer ſeu meſtre, naõ ſe acovarde a lhe fallar em latim.* O Infante aſſi o fez, que começou, e ajudeio eu. E pareceolhe tambem o que eu fiz, em o conſtranger a fallar latim, que logo aſſentou que dahi em diante como o meſtre vieſſe, e eſtiveſſem á liçaõ, todos os preſentes fallaſſem latim. Muitos houve que tinhaõ opiniaõ de letrados, que por naõ deſcobrirem o fio de quam mal ſabiaõ fallar latim, eſcolheraõ antes naõ ir á liçaõ, nem entrar em quanto o meſtre lá eſtiveſſe, e naõ he neceſſario nomeallos. O Infante Dom Duarte como Principe diſcreto, e que em publico naõ queria que ſe lhe enxergaſſe qualquer falta, me chamou ao ſeu apoſento, e diſſeme: *Bem viſtes como o Infante meu irmaõ pôs ley, que todos fallaſſem latim; as liçoes ſe começaraõ daqui a*

tres

tres dias, folgaria que naõ ſe enxergaſſe tanto em mi eſte defeito; qualquer afronta, que por iſſo houver de receber, ſeja antes aqui comvoſco ſó. Alegreime em eſtremo, e louveilhe muito iſto, e comecei logo a fallarlhe latim, e fazelo fallar, e deſempeçar a lingua. Foi a couſa em eſtes tres dias de maneira, que perdido o primeiro medo, ſe deſenvolveo tanto, que quando veio á primeira liçaõ, fez eſpanto aos que tal naõ eſperavaõ, ver quam facil, e naõ laborioſamente fallaua.

Iſto foi ſendo elle ainda folteiro, e eu naõ ſeu meſtre; mas des que o fui, e elle já caſado, poſſo dar teſtemunho do excellente engenho, e paſmoſa memoria, de que o noſſo Senhor dotou. Liamos hum tempo em Lisboa a Dialectica, e deſpois de lhe ter lidos os principios para a arte de Joanne Ceſario, tornamonos a Ariſtoteles. Foi o Infante Dom Henrique viſitallo huma feſta, eſtando nós em liçaõ, levanteime eu, e davalhe eſpaço para pratica e converſaçaõ. *Naõ, naõ*, diſſe o Infante Dom Henrique, *eu naõ quero interromper a liçaõ; ſentaivos, e proſegui.*

ſegui. Vireime ao Infante Dom Duarte, e diſſelhe : *Pois, Senhor, o Infante voſſo irmaõ quer eſtar á liçaõ, bom ſerá que ſaiba quanto V. A. tem aproveitado, com lho ouvir da ſua boca.* Cerrou o Infante o liuro, e em latim competente lhe reſumio o tratado de Porphyrio *de Prædicabilibus*, e as categorias de Ariſtoteles, e Perihermenías, taõ ſolta e deſpachadamente, que o Infante ſeu Irmaõ ficou attonito. Naõ he iſto tanto, quanto o que agora direi. Liamos tambem o liuro de Tullio *de Officiis*, e leramos eſſe dia o Capitulo *de Juſtitia.* Repetio decór, aſſi como jaz; e des que acabou, diſſe : *Agora volo quero dizer ás aveſſas*; e começou da derradeira palaura proſeguindo até a primeira, ſem titubar, nem fazer intervallo. O que eu hei por couſa digna de admiraçaõ, porque dizer decór huma pagina, ou capitulo, por ſua recta ordem, o entendimento vai ajudando a memoria, e miniſtrandolhe as palavras que a ſentença requere; mas ao revés, em que a ſentença ſe diſturba, e totalmente desbarata, pode cada hum em ſi experimentar quam diffi-

cil

cil e laborioſa couſa he reter ordem de palavras em tanta deſordem de ſentença. Naõ me atreveria eu a dizer o *Pater noſter*, couſa taõ ſabida, ſem me embaraçar, começando deſta maneira: *A malo nos libera, ſed in tentationem inducas & ne nos.* E ſenaõ vejao cada hum em ſi. Pois iſto fazia o Infante Dom Duarte á força de memoria. Algumas vezes lhe tachei iſto, que para que era aquella ſuperflua, e deſneceſſaria diligencia. Reſpondiame: *Bem ſei meſtre, que iſto he por demais, e diſſo naõ colho utilidade, mas ás vezes deſenfadome em provar quanto pode meu engenho, e memoria, ao menos avezo a memoria a ſer mais prompta.* Hora louvem os Eſcritores quanto quizerem a memoria de Marco Cato, ou de Cyro, ou de Cyneas Embaixador de Pirro, eu eſta do Infante haueria por mais digna de maior admiraçaõ. Plinio eſcreve que Julio Ceſar juntamente ditaua quatro Epiſtolas a quatro Eſcriváes, e algumas vezes ſete. Quanto aos quatro, naõ fez elle ventagem ao Infante, porque eu lho vi por vezes fazer, dizendo huma clauſula a hum, e outra a outro, e ſucceſſiva-

ceſſivamente a todos quatro, e logo tornava ao primeiro ſem demora, com ſingular ordem, e proſeguimento nas palauras, como ſe huma ſó, e immediatamente ditaſſe.

CAPITULO XI.

FOi o Infante de ſua peſſoa limpiſſimo e caſto, e muito fóra dos coſtumes dos mancebos ſolteiros. Pois já deſpois de caſado, teve e guardou muita limpeza no matrimonio com ſingular amor á Infanta ſua molher. Caſou com a Senhora Dona Iſabel, filha de Dom James Duque de Bragança, e irmãa de Dom Theodoſio, que no Ducado ſuccedeo. A qual Senhora por Deos e natureza foi dotada de muitas perfeições, a volta de outras, que com a boa criaçaõ acquirio, fermoſa no corpo, diſcreta no juizo, virtuoſa nas obras, bem inclinada na condiçaõ, honeſtiſſima no exemplo, muito devota, e Catholica na fé. Contratou eſte caſamento ElRey Dom Joaõ o terceiro, que eſtá em gloria, com o Duque Dom Theodoſio ſeu irmaõ della, que pelo grande amor

que

que lhe tinha, e contentamento de a ver casada com taõ excellente Principe, se moſtrou em iſſo taõ liberal, e grandioſo, e entre outras couſas que em dote lhe deu, foi a Villa de Guimaraẽs, com o titulo de Ducado. As vodas ſe celebraraõ em Villa-Viçoſa em o anno de noſſo Senhor de M.D.XXXVI., em as quaes ElRey foi preſente com os Infantes ſeus irmãos, e com outros mais dos Senhores deſtes Reynos, e muitos dos de Caſtella, ſendo huns conuidados pelo Duque, por razaõ de parenteſco, outros amizade, e outros vindo aforrados, e deſconhecidos, a ver o ſumptuoſo, e grande apparato das feſtas, que foi tal, e de tanta magnificencia em riqueza e ornamentos de caſa, tapeçaria, baixellas, brocados, e telas d'ouro, e ſedas, e huma prodigioſa abundancia, ou mais veramente prodiga ſobejidaõ de todos mantimentos, e materia de goloſina, cannas, juſtas, torneos, e outros jogos, ſaráos, danças, e feſtas populares de folias, e bailes prazenteiros, que fizeraõ grande admiraçaõ, e eſpanto a todos, aſſim naturaes, como eſtrangeiros. Em ſumma

as

as feſtas foraõ taes, que hum poderoſo Rey as naõ podera fazer mais magnificas, e ſuperbas.

CAPITULO XII.

DEpois de o Infante aſſi caſar, aſſentou, e acreſcentou mais no repouſo, e gravidade, fazendoſe menos fragueiro, e monteador, e occupandoſe mais em o gouerno de ſua caſa e eſtado, e em exercicio de letras, para as quaes, como aſſima eſtá dito, ſe quiz ſeruir de mi. Hei vergonha de dizer com quanta humanidade me tratava, e honra e mimo, que me dava, e fazia; mas como iſto reſulta todo em ſeu louvor, naõ deixarei de o eſcrever, ao menos para que os nobres tomem exemplo de eſtimar os meſtres, quando ſouberem como hum taõ alto Principe tratava o ſeu. Naõ conſentia que eu eſtiueſſe eſperando para entrarmos á liçaõ; mas ordenou que eu naõ vieſſe da minha pouſada, até naõ ſer chamado, dizendo que naõ era razaõ que eu perdeſſe meu tempo em eſperar,

podendoo gaſtar, e empregar melhor em meus eſtudos. E por iſſo mandou a Carranſa ſeu Apoſentador, que junto das caſas onde Sua A. pouſava, que eraõ ſobre o chafariz do Rocio, me apoſentaſſe á minha vontade, e as pouſadas cuſtaſſem quanto ſeus donos quizeſſem; porque eſtando aſſi perto, ſendo chegada a hora da liçaõ, e ſendo chamado, preſteſmente com pouco trabalho meu, e ſem perda de tempo poderia acodir. Se algumas vezes queria ir fóra folgar, e caçar, mandavame recado: *Vai dizer a meu meſtre, ſe me dá elle licença para ir.* Quando eſtavamos á liçaõ, faziame ſentar taõ chegado a ſi, que eu me afrontava, e corria, e dezialhe: *Senhor, deixeme V. A. eſtar mais arredado, e ache que anda o Rocio cheio de fidalgos que paſſeaõ; e como eſtas jánellas eſtaõ todas abertas, vemnos eſtar, e julgarmehaõ por mal enſinado e deſcomedido.* A iſto me reſpondeo: *Aſſi quero eu que nos vejaõ, e entendaõ como devem de tratar ſeus meſtres, por amor diſſo chegaivos mais para cá;*

CA-

CAPITULO XIII.

NAõ ſómente para comigo ſeu meſtre, mas para com todos ſeus criados, era taõ domeſtico, humano, e chaõ, que naõ havia em ſua caſa quem delle podeſſe dizer com verdade, que o achara em ſeus requerimentos ſecco, ou difficil. Vi eu huma vez Franciſco de Moraes ſeu moço da camara pedirlhe certa merce, indo o Infante já para fóra, e elle lhe reſpondeo que ſi, como tornaſſe. *Senhor* (diſſe o Moraes) *quer V. A. que lho lembre Vaſco da Motta?* Reſpondeo o Infante, dizendo: *E bem, naõ me ſerves tu a mi? Se tu ſerves, porque buſcarás outrem, que me repreſente teu ſerviço? Quando vires que me deſcuido, tu mo lembra.* A todos os criados de ſomenos moradia, ſe lhe parecia que lhes naõ baſtaria, cada vez mandava dar mais certa couſa para ajuda de ſupprimento de ſuas neceſſidades. O que em doçuras mais largamente mandava fazer, e iſto ſem lho pedirem Huma couſa uſou com alguns Sacerdotes, e

fuj

fui eu hum deſtes, que me deu dous padrões, hum de vinte mil reis, e dous moyos de trigo, com eſta declaraçaõ: *Eſtes vos tirarei quando vos prover pela Igreja; e porque naõ eſtá em razaõ, que ſervindome vós a mi, vos pague eu á cuſta de Deos, vedes aqui outro padraõ de outros vinte mil reis de tença cada anno de minha fazenda.* Tanta conta tinha com ſua conſciencia. Bem ſeria que attentaſſem iſto alguns Senhores, que ſe ſervem dos homens com ſó a longa eſperança de quando vagará hum triſte Officio, ou ſequer hum magro Beneficio, que por força elles haõ de dar, com que cuidaõ que paſſa de ſatisfazerem ſerviço de muitos annos; e oxalá. Tornemos ao fio.

CAPITULO XIV.

EM todo o proceſſo de ſua vida foi muito Catholico, e teue grande acatamento ás couſas Eccleſiaſticas. Era taõ obediente á Santa Sede Apoſtolica, e tinha em tanta reverencia ao Summo Pontifice, Vigario de Chriſ-

Chriſto, que em nenhum modo ſofria ouvir fallar delle mal, poſto que era em tempo que o Emperador Carlos quinto ſeu primo com irmaõ tinha com o Papa Clemente differenças, e deſgoſtos. Veio ter a eſta cidade de Lisboa hum mancebo Caſtelhano, chamado Ortiz, que gracioſamente tangia, e cantaua chiſtes. Filhouo o Infante, e folgava de o ouvir; o qual hum dia pela ſéſta lhe começou a cantar com a guitarra hum *Pater noſter*, que contra o Papa Clemente em Caſtella fizeraõ; que começa *Padre nueſtro*, *en quanto Papa*, *ſois Clemente ſin que os quadre*. O qual tanto que o Infante começou de ouvir, díſſelhe que ſe callaſſe, e mandoume chamar; e deſpejando todos da camara, diſſe ao mancebo que ſem cantar o diſſeſſe perante mi; e deſpois olhando para mi, diſſe: *Que vos parece, meſtre? Anda boa a honra do Padre Univerſal da Igreja em chiſtes, e guitarras!* Senhor, diſſe eu, *inda mal porque o deſavergonhamento do mundo he tanto.* Voltouſe pata o mancebo, e diſſelhe: *Olha, olha, Ortiz, aviſate que nunca mais iſſo cantes, nem digas, e ſabe que ſe me*

vem ás orelhas, que fazes o contrario, dlem de te lançar de minha caſa, te darei tal caſtigo, que ſeja eſcarmento a outros. Fez o Infante iſto como filho catholico da Santa Igreja, zeloſo da honra do Preſidente Univerſal della. E tambem tinha obrigaçaõ de o fazer, como Principe, de que os ſubditos haõ de tomar exemplo. Mal terá devaçaõ ao Papa quem vir a ſeu Senhor eſtar ouvindo, e folgar de ouvir anexins, e blasfemias contra o Vigario de Chriſto.

CAPITULO XV.

ACerca do comer foi muito regrado, abſtinente, e jejuador, nunqua bebeo vinho, nem por occaſiaõ. Teve ſempre muita conta com ſua conſciencia; e tanto, que algumas vezes ſe impedia e embaraçava com eſcrupulos, e logo ſe ſocorria ao ſeu Confeſſor, ou a mim, que achava mais diante. Os defeitos e culpas, que em ſi ſentia, eſcrevia, por lhe naõ eſquecerem, em hum liurinho cerrado, naõ por extenſo, mas fazia hum breve ſum-

ſummario, quanto baſtava para elle o entender quando vieſſe aos Confeſſores, de que elle frequentemente uſava, e de que dizia receber muita conſolaçaõ. Ouvia ſua Miſſa quotidiana, com tanta attençaõ e feruor da alma, que parecia em aquelle eſpaço eſtar o ſeu eſpirito todo tranſportado, e alienado da carne. Foi devotiſſimo da Cruz, e Paixaõ de noſſo Senhor, e muito mais desque teve Santa Cruz de Coimbra em Comenda. Todas as noites antes de dormir rezava em ſeu Oratorio as Horas da Cruz e Paixaõ com os gioſhos em terra, e os braços em cruz ante hum Crucifixo que tinha muito devoto, ante o qual em acabando de rezar, fazia huma proteſtaçaõ a modo de confiſſaõ, e algumas vezes ſe diſciplinaua, e tudo com tanto ſecreto, que deſde a Infanta ſua molher para baixo ninguem o via, nem delle ſabia mais que eſtar ſó no Oratorio. Trouxe muito tempo hum aſpero cilicio junto da carne debaixo da camiſa, taõ ſecretamente, que nunca foi ſabido, ſenaõ acaſo poucos dias antes que falleceſſe. E fazendo todas eſtas couſas para com Deos

catholica e religioſamente, mais a modo de Frade religioſo penitente, que de mimoſo Principe; naõ negava ao mundo as moſtras de cortezaõ, ſempre com alegre geſto, e traje galante, conforme a ſeu Real eſtado.

CAPITULO XVI.

ENtre outras devações que uſava frequentemente, trazia aquillo do Pſalmiſta: *Notum fac mihi Domine finem meum.* E parece que ſe bem o pedio, bem lho concedeo noſſo Senhor. Porque ſem dúvida hum bom eſpaço de tempo antes que falleceſſe, elle foi de ſua morte certificado; o que he de crer que ſeria por revelaçaõ, e declarou a ElRey e a ſeus irmãos o tempo, em que havia de morrer, e aſſi a alguns ſeus familiares; e como lho contrariavaõ, entaõ o affirmava muito mais. Recolheo Sua A. para ſeu ſerviço ao Doutor Ximenes, medico qne fora do Cardeal Dom Affonſo ſeu irmaõ; e vindolhe elle por iſſo beijar a maõ, e moſtrando com lagrimas o ſentimento que tinha de perder tal Senhor, S. A. o con-

o conſolou, dizendo: *Doutor, naõ choreis, que cedo vos dará Deos outro Senhor, que vos poſſa fazer mais, e maiores merces, que as que vos fez o Cardeal meu Senhor, e que as que vos eu poſſo fazer.* Acudi eu, que eſtava preſente: *Muita vida dê Deos a V. A., melhor o fará noſſo Senhor.* Olhou para mim, e ſorrindoſe, diſſe: *Faça Deos de mim o que houver por ſeu ſeruiço.* Iſto entaõ naõ nos aſſentou tanto; mas des que daqui a pouco tempo o vimos morrer, e ElRey tomou o Doutor por ſeu Fyſico, nos marauilhamos mais, e nos faz crer que elle tinha de ſua morte alguma reuelaçaõ o que nos Sua A. tambem daua a entender; porque chegandoſe o tempo que profetizara, andava mais ſevero, e fóra de ſua natural ledice, e mais a ponto na conſciencia, como já ameaçado da morte. E podeſe crer de hum Principe, que lhe faria Deos eſta merce para melhor ſe diſpor, e eſtar mais preſtes á hora do chamamento. Sendo pois chegado o tempo, que elle profetizara, onze dias antes enfermou, e Catholico Chriſtaõ inda que naõ fazia hum mez que ſe confeſſara, quizſe logo

logo totalmente aperceber para caminhar a Deos, confeſſandoſe, e tomando o Santiſſimo Sacramento no ſegundo e oitavo dia, a fóra outras reconciliaçõẽs. E vindo huma ſegunda feira 18 dias do Outubro, diſſe publicamente aos que com elle eſtavamos, que daquelle dia a dous logo ſeguintes morreria. E iſto naõ com coraçaõ puſilanimo, nem medroſo, mas com o ſembrante muy aſſocegado, e ſeguro. E que por tanto ſe entendeſſe em lhe darem o Santo Sacramento da Extrema-Unçaõ, o qual recebeo com ſumma contriçaõ, ajudando elle meſmo á reza, e reſpondendo ao Sacerdote, que lho miniſtraua; e aſſi a todas as oraçõẽs que ſe qualquer vez diziaõ, que as elle ouviſſe, com todo ſeu trabalho, e enfermidade, ſempre ſe fez companheiro, dizendo por ſua parte, e reſpondendo.

CAPITULO XVII.

NAõ eſtá em razaõ paſſar levemente por algumas couſas, que fez e diſſe em eſte ſeu derradeiro tempo. Aſſentaraõ os medi-

cos

cos que ſeria bom euacuarlhe algum ſangue, ſarjandoo. E eſtando niſto, porque as feridas lhe dohiaõ, elle com os olhos em hum Crucifixo, dizia: *Senhor, eſtas offereço eu a vós, ſe quer por quantas dores por mim ſofreſtes, e por quanto ſangue por mim derramaſtes.* Fora ſempre taõ honeſto, e amava tanto a honeſtidade, que inda eſtando na derradeira, ſe por ventura era neceſſario tocar em ſeu corpo para algum remedio, trabalhava que naõ foſſe deſcuberta, nem viſta parte alguma de ſuas carnes. Quando fazia ſeu teſtamento, muitas vezes fallou em ſeu filho, encomendando á Senhora Infanta ſuas filhas, e ſeu filho Duarte, naõ ſendo a Infanta prenhe ſenaõ de pouco mais de tres mezes, nem tendo inda diſſo outros ſinaes, que a ſuſpeita. No ſegundo dia da ſua doença, diſſelhe a Senhora Infanta, » que lhe pedia por merce que ſe esforçaſſe, e » que ſoubeſſe que toda ſua caſa eſtaua poſta » em oraçaõ por ſua ſaude. » Elle agradecendolho com palauras de muita cortezia, e amor, lhe reſpondeo: *Senhora, naõ peça V. A. iſſo a noſſo Senhor, ſenaõ o que for mais de ſeu ſervi-*

ço,

ção, e minha ſalvaçaõ. Sendo já propinquo o tempo de partir deſta vida o Infante, com a anguſtia das dores trabalhava por ſe levantar. Pediamoslhe por merce que ſe deitaſſe, e ſenaõ quebrantaſſe com forçar aſſi o corpo. Entaõ o Padre Frey Miguel da Ordem de Saõ Jeronymo ſeu Confeſſor, peſſoa aſſaz conhecida por ſua virtude e religiaõ, lhe diſſe: *Senhor, pois todos vos pedimos por amor de Deos, que vos deiteis, naõ o fará V. A. por amor de Deos? Por amor do meu Deos* (reſpondeo o Infante) *naõ ſómente iſto que naõ he nada, mas com muita boa vontade, morrer muitas mortes.* E logo ſe deitou, e quaſi por força ſe aquietou. Hum dia antes de ſeu paſſamento eſtando na cama quieto, volveoſe para o Padre Frey Miguel, que eſtava na cabeceira, e com roſto alegre, lhe diſſe: *O' Padre, onde, e quando vos pagarei eu tantas caridades, quantas me tendes feito, encomendovos a Senhora Infanta, e meus filhos, e toda eſta caſa.* O Padre naõ podendo ſofrerſe a ouvillo, ſe abaixou por reprimir as lagrimas, e começouſe a alimpar com hum lenço, que trazia; e eu que eſtava a hum la-

do,

do, e da outra parte da parede, por divertir Sua A. do choro do Padre, lhe diſſe: *Senhor, confie V. A. na muita miſericordia de noſſo Senhor, qne he infinita.* Elle reſpondeo: *O' Padre, que chovem ſobre mim miſericordias, chovem ſobre mim miſericordias, chovem ſobre mim miſericordias*; tres vezes repetio eſtas palavras. Saimonos dahi a pouco, porque parecia que queria repouſar; e tornando logo, o achámos dizendo: *Ea sùs partamos em boa hora.* Perguntoulhe o Padre Frey Miguel para onde queria partir! *Para onde?* (diſſe elle) *para o Ceo, a ver a Deos.* Obra de huma hora antes que falleceſſe, fez chamar hum ſeu criado, e perguntoulhe ſe ſe lembrava de huma carta de Excomunhaõ, que por ſeu mandado tirara por huma egua que lhe furtaraõ, que logo mandaſſe pregoar que elle a perdoava pelo amor de Deos. Muito pouco antes do ſeu fallecimento ſe pôs a olhar para a dianteira da ſua cama com muita attençaõ, e roſto alegre, e por duas vezes diſſe: *O' minha Senhora, vós ſejais muito bem vinda.* Perguntoulhe o Padre Frey Miguel com quem fallava. Reſ-

pon-

pondeo, » que com a Madre de Deos, que alli eſtava. » Perguntoulhe mais o Padre ſe folgava de a ver? Reſpondeulhe » que nunca em ſua vida recebera igual alegria, nem taõ grande deſcanſo. » Chegandoſe a hora do tranſito eſtremeceo hum pouco, e tornando logo em ſi, diſſe: *Depoſuit potentes de ſede.* E apertandoſe com a Cruz, lançou maõ da candêa. Diſſelhe eu entaõ: *Senhor, diga V.A. aquillo que diſſe Santo Eſtevaõ.* E elle com muito inteiro juizo, e clara voz, diſſe: *Domine Jeſu, ſuſcipe ſpiritum meum.* Trouxelhe o Padre Frey Miguel á memoria o *Pater noſter*, e elle o proſeguio a altas vozes, ſem que ninguem o ajudaſſe, e des que o acabou, reſpondendo nós todos *Amen*, com outro pequeno de eſmorecimento deu a alma a Deos aos vinte dias de Outubro do anno de 1540 entre as dez e as onze do dia, em idade de vinte e cinco annos, e mez e meio, ficando o corpo taõ bem aſſombrado, que logo parecia que fora lograr alojamento de alma bemaventurada.

CAPITULO XVIII.

ESTando aſſi o corpo do Infante até anoitecer, e ſendo a mortalha preſtes, os Irmãos da Santa Miſericordia o levarão a enterrar ao Moſteiro de Bellem já bem de noite, com huma triſte e lamentoſa pompa, e prociſſão de toda a Corte, Ordens, e Clerezia da cidade, e com grande numero de tochas acezas. E emparelhando o corpo, defronte da porta do Hoſpital de todos os Santos no Rocio, ſe levantou da tumba, em que o levavão, huma pomba muito alva, ſem peſſoa alguma ver, nem ſaber donde viera; e depois de aſſi levantada, voou direita para o Ceo á viſta de todos, até deſapparecer no ar, ſem poder alguem atinar para onde mais foſſe. A qual couſa foi tida e julgada por myſterio, por ſua novidade, e eſtranheza; porque nem as taes aves coſtumão voar de noite, nem voão direito para ſima, nem ſe haviáo de vir metter entre tamanha multidão de gente, e tão grande labareda das tochas, que naquel la parte eſquentava o ar.

CA-

CAPITULO XIX.

DEixou encomendados ſeus criados a El-Rey ſeu irmaõ, pedindolhe por merce que ſe lembraſſe delles. E iſto com tanta inſtancia, como ſe todos foraõ ſeus filhos. Debaixo da cabeceira da cama foi achado o livrinho, de que aſſima fallei, em que ſummariamente notava ſuas culpas, e em a primeira folha trazia eſcrito de ſua maõ: *O' homem, atreveſte tu a viver em fogos para ſempre?* Iſto trazia aſſi no principio, porque cada vez que abriſſe o livro, logo topaſſe com liçaõ, e com hum pregaõ, que o eſpertaſſe.

CAPITULO XX.

FIcaraõlhe duas filhas, a ſaber, a Senhora Dona Maria mais velha, e a Senhora Dona Catherina, Princezas dignas de todo o louvor por ſuas exeellentes partes e qualidades, e a Senhora Infanta ficou prenhe de quatro meſes, como aſſima diſſe. A qual poſto

que

que da fraqueza tirava esforço para sofrimento; segundo o immenso nojo, e dor que sentia de se ver apartada, e viuva de tal marido, foi grande maravilha, e merce de Deos, naõ mover; mas approve a elle, que no Março seguinte em Almeirim, pario ao Senhor Dom Duarte, como o Infante seu pay o pronosticara. O qual ao presente he Condestable destes Reynos, mancebo em que Deos e natureza poseraõ, e quasi specificaraõ sinaes e mostras de grandes esperanças, e o dotaraõ de gentil e boa disposiçaõ, do qual ao presente naõ tenho licença para mais dizer. Ficou a Senhora Infanta em sua viuvidade, e desconsolaçaõ com sua casa em toda a virtude, e temor de Deos, e exemplo de continencia e honestidade, criando seus meninos até que com o favor de Deos casou suas filhas. A Senhora Dona Catherina mais moça com Dom Joaõ Duque de Bragança seu primo; e a Senhora Dona Maria primogenita casou com o Principe de Parma, filho do Duque Octavio, e de Dona Isabel filha do Emperador Carlos quinto, por isso Regente do

Esta-

Eſtado de Flandes, a qual Senhora Princeza em todo genero de virtudes excellente, e muito docta, partio deſta cidade de Lisboa no mez de Setembro do anno de 1565. Depois da partida da qual, a Senhora Infanta vendoſe deſte cuidado aliviada, com pequeno eſtado, e humilde, e com peſſoas virtuoſas, e exemplares de ſua caſa, e criaçaõ, ſe recolheo para humas caſas pegadas com o Moſteiro das Freiras de Santa Clara deſta cidade, das quaes por hum ſecreto paſſadiço ſe vai ao Moſteiro a encomendar a Deos, a ſi, e a ſeus filhos, cuja Real peſſoa noſſo Senhor ſempre tenha de ſua maõ, e a conſerve em ſua graça, e ſerviço. Amen.

CONCLUSAÕ.

ESta he a liçaõ, Excellente Senhor, que deſejei de ler, da qual confio eu que V. Excellencia poderá tirar documentos, de que muito ſe aproveite, ſe frequentemente a ler, e fizer a ſua lembrança familiar. Cá eſſa foi a cauſa, porque profundamente lhe propuz as pala-

palavras do Propheta : *Attentai para a pedra de que foſtes cortados, e para a pedreira de que foſtes arrancados.* Hora ſeja eſta a vontade de noſſo Senhor Deos, que por ſua benignidade de tal maneira enderece a vida e operações de V. Excellencia, que dellas reſulte gloria á Divina Mageſtade, a V. Excellencia louvor, e em eſtes Reynos fique de ſuas virtudes perpetua, e ſaudoſa memoria.

FIM.

PLANO
DE
ESTATUTOS,
EM QUE CONVIERÃO
OS PRIMEIROS SOCIOS
DA
ACADEMIA DAS SCIENCIAS
DE LISBOA,
COM BENEPLACITO
DE
SUA MAGESTADE.

Niſi utile eſt quod facimus, ſtulta eſt gloria.

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO M.DCC.LXXX.
Com Licença da Real Meza Cenſoria.

PLANO
DE
ESTATUTOS.

I.

Eſtabelecimento da Academia.

OZELO e Amor da Patria, animado com o louvor e Beneplacito de Sua Mageſtade, eſtabelece em Lisboa, á imitação de todas as Nações cultas, eſta Academia de Sciencias, conſagrada á gloria e felicidade pública, para adiantamento da Inſtrucção Nacional, perfeição das Sciencias e das Artes e augmento da induſtria Popular.

II.

Claſſes da Academia.

Como a obſervação e o cálculo são os caminhos, que conduzem mais ſeguramente ao conhecimento da Natureza, origem das Sciencias, a que a Academia ſe dedica, ſerão os Academicos deſtinados para ellas repartidos em duas Claſſes: Os da primeira indagaráõ a qualidade, leis e propriedades dos corpos por meio da obſervação e da analyſe, os effeitos e novas propriedades, que reſultão da

Sciencias de Obſervação, I. Claſſe.

Sciencias de Cálculo, II. Claſſe.

Bellas Letras, III. Claſſe.

da combinação de huns com outros, e o *como* e *porque* dos Fenomenos naturaes; e ficará para os da ſegunda o *quanto* delles, e as relações e propriedades da grandeza, tanto em geral como em particular. (1) As Bellas Letras, por ſerem huma parte indiſpenſavel da Inſtrucção Nacional, farão a terceira Claſſe, a qual ſe deverá applicar particularmente aos varios ramos da Literatura Portugueza. (2)

III.

Socios Effectivos. Cada huma deſtas Claſſes comprehenderá oito Socios Effectivos, aſſiſtentes ao menos huma boa parte do anno em Lisboa: e para que a Academia não fique por eſte motivo privada das luzes e ſoccorro, que póde tirar de muitos ſogeitos dignos, empregados pelo Reino no enſino público das meſmas materias que a Academia propõe, poderáõ exceptuar-ſe dous em cada Claſſe, para ſerem tirados do Corpo da Univerſidade ou dos Profeſſores públicos, os quaes ainda que quaſi ſempre auſentes, poderáõ acreditar muito a Academia com as ſuas Obras, e ſerem conſultados utilmen-

(1) Aſſim ficão naturalmente diſtribuidas na primeira Claſſe a Meteorologia, a Chimica, a Anatomia, a Botanica e a Hiſtoria Natural de todos os Corpos, &c.; e na ſegunda a Arithmetica, a Algebra, a Geometria, a Mechanica, a Aſtronomia, &c.

(2) Em conſequencia deſta diſtribuição, determinou a Academia, que todas as Cenſuras, e a execução das Reſoluções e Projectos Literarios, foſſem privativas das Claſſes a que pertenceſſem.

mente em todos os caſos que lhes pertencerem. (1)

IV.

Socios ſupernumerarios, obrigações de huns e outros, e fórma do governo da Sociedade.

Além deſtes, poderá a Academia receber ſupernumerariamente por Socios mais alguns ſogeitos habeis ; (2) e tanto huns, como outros, deveráõ ao menos apreſentar todos os annos huma Memoria , ou algum outro teſtemunho da ſua applicação : mas os primeiros terão de mais a ſeu cargo o governo economico da Sociedade , e a autoridade de julgar e reſolver em todos os caſos , que a ella pertencerem.

V.

Ainda que a economia da Sociedade fique convenientemente reſtricta a eſta ordem de Socios, os quaes de nenhuma ſorte hão de recatar as ſuas reſoluções, com tudo ſerá permittido ſempre a qualquer dos outros Membros não ſómente propôr tudo que julgar conveniente ao emprego , objecto e governo da Aca-

(1) Determinou a Academia , que para todas as Reſoluções que alteraſſem o governo eſtabelecido da Sociedade , para a eleição de novos Socios Effectivos , e para a Cenſura das Memorias concorrentes aos Premios que ſe tiveſſem propoſto , foſſem ouvidos ſempre os Vogaes que coſtumão aſſiſtir fóra de Lisboa.

(2) Tem a Academia declarado , que eſtes á ſemelhança dos Effectivos , deveráõ ſer tambem aſſiſtentes em Lisboa , ou empregados fóra no enſino público.

Academia, mas tambem fazer as reflexões, que lhe parecer, ſobre as reſoluções que ſe tiverem tomado, com tanto que offereça as ſuas propoſições por eſcrito.

VI.

Socios Honorarios. Tambem he conveniente que eſta Academia, á imitação das mais, conte entre os ſeus Membros, como Honorarios, as Peſſoas condecoradas com as maiores Dignidades e Empregos do Eſtado, cuja autoridade e reſpeito não contribuirá menos para o ſeu eſplendor e proſperidade, do que a applicação e trabalho dos antecedentes. Além deſtes que não deverão ſer mais de doze, ſe algum Principe ou Soberano eſtrangeiro quizer honrar eſta Sociedade com o ſeu Nome, a Academia não deixará de o receber extraordinariamente com ſatisfação e agradecimento.

VII.

Socios Eſtrangeiros. Os Eſtrangeiros inſignes pelas ſuas letras e famoſos pelas ſuas Obras, que reſidindo fóra deſte Reino moſtrarem eſtimar a aſſociação da Academia, ſerão recebidos por Socios, ſem ſe exigir delles contribuição alguma mais que as ſuas luzes. E como eſta Academia começa depois de haver tantas do meſmo genero, em que actualmente florecem muitos Homens célebres, pareceo conveniente eſtender eſtes lugares ao numero de doze.

VIII.

VIII.

Correſpondentes.

Neceſſita a Academia de correſpondentes, tanto no Reino como fóra delle, aos quaes ha de ſer devedora de grande parte de ſeus progreſſos. Eſtes terão numero certo, que a Academia determinará e reformará conforme a experiencia lhe moſtrar que he conveniente; e as correſpondencias para maior facilidade ſe diſtribuiráõ pelos Socios Effectivos e Supernumerarios. (1)

IX.

Alumnos.

Para ſe deſempenhar completamente o objecto da Academia no adiantamento da Inſtrucção Nacional, que por meio della ſe procura, poderá a Academia receber vinte e quatro Alumnos, moços Nobres, de doze annos para cima, cuja direcção nos Eſtudos haja de tomar com grande empenho á ſua conta, fazendo-os aſſiſtir para eſte fim ás Seſsões que lhe parecer, e excitando entre elles a emulação e goſto para as Sciencias e para o Eſtudo, ſendo ſempre preferidos para eſte numero os Filhos e Parentes proximos dos Socios.

X.

Commiſsão da Induſtria.

Como he grande a diſtancia que ha deſde as obſervações e cálculos da Natureza até á

(1) A Academia tem eſtabelecido o numero de cem.

á prática dos Agricultores, Officiaes mechanicos e outros Membros do Corpo Civil, que ou hão de executar os projectos da Academia ou dar informação das ſuas caſuaes obſervações, que ás vezes occaſionão importantiſſimos deſcobrimentos para facilitar a communicação entre objectos tão diſtantes, ſem embaraçar toda a Academia nas diligencias e inveſtigações contínuas que pede eſta repetição, as quaes perturbarião muito as outras applicações, ſe formará huma Junta ou Commiſsão para a Induſtria, compoſta de oito Socios, eleitos de tres em tres annos, por meio da qual cheguem as luzes e cuidado da Academia até os ultimos ramos da Induſtria Popular.

XI.

Os Membros deſta Junta promoverão á competencia o augmento da Agricultura, das Artes e da Induſtria Popular, empregando para eſte fim todos os meios que lhes são poſſiveis; já conſultando, e ſollicitando o parecer dos ſogeitos práticos e intelligentes; já eſtimulando e eſpertando a emulação com algumas recompenſas; já averiguando, e recolhendo os deſcobrimentos novos e práticas uteis dos Eſtrangeiros que nos forem proprias, propondo-as e facilitando-as aos noſſos Nacionaes; já ſobre tudo procurando introduzir o amor á occupação e a toda a eſpecie de tra-

ba-

balho, que poſſa redundar em beneficio da Patria.

XII.

Commiſsões extraordinarias.

Além deſta Commiſsão, que pelo objecto importante que comprehende, deve ſer perpétua na Academia, poderáõ eſtabelecer-ſe ſempre extraordinariamente todas as mais, que ſe julgarem convenientes para o deſempenho e execução dos ſeus projectos. Porém os Membros de que eſtas ſe compuzerem, não ſómente ſe conſervaráõ por todo o tempo que ellas durarem; mas nem a Academia lhes dará já mais nenhum de novo, que não ſeja agradavel e bem acceito aos primeiros.

XIII.

Cargos da Academia.

Convem que na Academia haja hum Preſidente, hum Theſoureiro ou Depoſitario; hum Orador, hum Secretario, hum Vice-Secretario, e hum Director para cada huma das Claſſes da Academia, e tambem a Junta ou Commiſsão da Induſtria.

XIV.

Preſidente, e Depoſitario.

O Preſidente e Depoſitario deveráõ aſſiſtir não ſó ás Aſſembléas públicas e ſemipúblicas da Academia, mas ainda ás particulares, em que ſe ha de tratar dos negocios economicos da Sociedade; e terão voto nas delibe-

berações. O primeiro será eleito dentre os Socios Effectivos ou Honorarios, e ambos duraráõ hum anno.

XV.

Orador. Ao Orador pertencerá fallar ou reſponder pela Academia em todas as occaſiões, excepto ſómente quando o Preſidente o quizer fazer; porque eſte terá ſempre em tudo preferencia. Será Socio de qualquer das Ordens, e durará hum anno.

XVI.

Directores das Claſſes. Os Directores são os Chefes das ſuas Claſſes, pelos quaes ſe devem encaminhar todos os negocios, que lhes pertencerem. Serão tirados de tres em tres annos dentre os Membros proprios de cada huma, e farão nas Aſſembléas as vezes de Preſidente da Academia, quando eſte faltar, preferindo primeiro o mais antigo na Sociedade, e entre os do meſmo tempo o da primeira Claſſe, e aſſim ſucceſſivamente o da ſegunda e terceira.

XVII.

Secretario, e Vice-Secretario. O Secretario será Socio Effectivo, eleito por tres annos, e terá para o ajudar, eſpecialmente no expediente da Induſtria, hum Vice-Secretario, tirado dentre os Socios de qualquer das Ordens da Academia.

XVIII.

XVIII.

Eleição de Socios Effectivos.

Para os lugares de Socios Effectivos, que vagarem em cada huma das Claſſes da Academia, ſerão preferidos ſempre os ſupernumerarios, querendo ſogeitar-ſe ao trabalho regular, e tendo moſtrado goſto e applicação ao objecto daquella Claſſe, e feito progreſſos no ſerviço da Academia: mas não convem que entrem nunca neſta ordem de Socios mais de dous ſogeitos da meſma corporação ou familia, para ſe conſervar melhor o equilibrio e indifferença neceſſaria para as juſtas deliberações de hum Corpo tão grave. (1)

XIX.

Fórma das mais eleições.

Na eleição de Preſidente e Depoſitario he juſto ſerem ouvidos todos os Socios de qualquer Ordem que ſejão; porém todas as mais ſerão ſempre feitas nas Aſſembléas particulares dos Socios Effectivos; e tanto n'humas, como n'outras ſe porá grande cuidado em que os Vogaes tenhão toda a liberdade, que convem em negocio de tanta importancia. (2)

XX.

(1) Aſſentou a Academia, que os novos Socios Effectivos foſſem ſempre eleitos pela ſua Claſſe, e confirmados depois em Aſſembléa particular.

(2) Determinou a Academia, que para os lugares vagos de Socios Supernumerarios, todos os Vogaes terião liberdade de lembrar quem lhes pareceſſe; mas que ninguem os poderia propôr para ſerem votados, ſenão o Preſidente e os Directores das Claſſes;

XX.

Recepção dos noves Socios.

A Academia eſpera que os Socios, quando de novo forem admittidos, não faltem em agradecer com huma Oração Gratulatoria a honra que recebem, como em todas as Academias ſe coſtuma; e ſe lhes parecer, tambem com algum preſente, que enriqueça a Livraria ou Gabinete da Sociedade; no que já muitos dos Socios que agora entrão, generoſamente os prevenirão. (*l*)

XXI.

Aſſembléas da Sociedade. Objecto das públicas.

No mez de Outubro fará a Academia a ſua abertura pelo modo mais ſolemne que lembrar, e publicará as Liſtas impreſſas dos Socios e Membros de todas as Ordens de que ſe compõe, e juntamente o Programma dos Premios, e a diſtribuição para a leitura das Memorias e applicação dos Academicos. No fim de Julho haverá outra Aſſembléa pública, em que a Academia inſtruirá o Público dos ſeus Eſtudos e progreſſos naquelle anno; e diſtribuirá os premios, que ſe tiverem propoſto, lendo-ſe as Memorias que forem coroadas. Além deſta terá a Academia mais duas em cada mez: huma Literaria ſemipública para todo o Corpo Academico; e outra Economi-

ſes; e que nenhum ſe julgaſſe eleito, tendo contra ſi mais de quatro Votos, e que eſtes foſſem ſempre neſtas occaſiões dados em eſcrutinio.

mica particular, composta dos Socios Effectivos com o Presidente e Depositario. (1)

XXII.

As Assembléas semipúblicas são destinadas para a leitura das Memorias dos Academicos. Destas as que forem feitas pelos Socios, que se acharem presentes, elles mesmos as leráõ, e poderáõ conservar em seu poder até á hora de as publicarem na Assembléa; e as dos mais terão sido remettidas ao Secretario para as apresentar á Academia, conforme as circumstancias do tempo e dos negocios o permittirem. Nas Assembléas particulares se determinaráõ todos os negocios pertencentes á Academia. (2)

Objecto das semipúblicas, e particulares.

XXIII.

Em todas as Assembléas da Sociedade terá o Presidente o lugar mais distinto, e ficará sempre junto a elle o Secretario. Nas particulares seguir-se-ha o Thesoureiro e os quatro Directores das Classes para commodidade das re-

Ordem das Assembléas.

(1) Assentou a Academia, que devendo reputar-se todos os Socios Effectivos e supernumerarios de que actualmente se compõem por Fundadores della, não tivessem Carta ou Patente alguma de formalidade, nem fizessem Oração de entrada, o que sómente se começaria a praticar depois da sua Abertura solemne.

(2) A Academia tem assignado as primeiras quartas feiras para as Assembléas particulares, e as terceiras para as semipúblicas em todos os mezes desde o principio de Outubro até o fim de Novembro.

BREVES INSTRUCÇÕES

AOS CORRESPONDENTES DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

SOBRE

AS REMESSAS DOS PRODUCTOS,

E

NOTICIAS PERTENCENTES

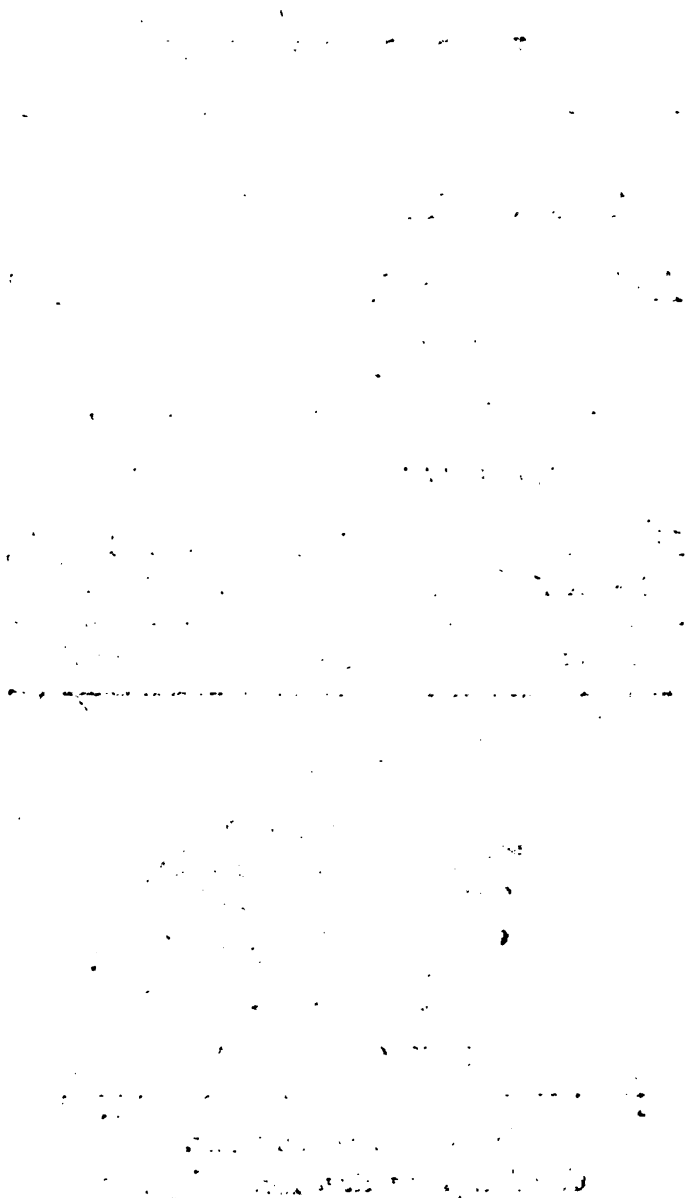
Á

HISTORIA DA NATUREZA,

PARA FORMAR HUM MUSEO NACIONAL.

Niſi utile eſt quod facimus, ſtulta eſt gloria.

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO M.DCC.LXXXI.
Com licença da Real Meza Cenſoria.



ADVERTENCIA.

AS relações, por mais exactas e completas que sejão, nunca chegão a dar-nos huma idéa tão perfeita das coisas, como a sua mesma presença: por esta causa se tem occupado os Sabios, particularmente neste seculo; em ajuntar com a protecção dos Principes os exemplares de varios individuos das diversas especies de Animaes, Vegetaes e Mineraes, que se encontrão em differentes paizes, para apresentarem do modo possivel á vista dos curiosos hum como compendio das principaes maravilhas da Natureza.

Considerando pois a Academia das Sciencias de Lisboa, cujos trabalhos se encaminhão todos ao bem público, a grande utilidade, que de huma similhante Collecção, sendo bem ordenada, póde resultar para o adiantamento das Artes, Commercio, Manufacturas e todos os mais ramos da Economia;

propoz-ſe o projecto de formar neſta Capital hum Muſeo Nacional, onde principalmente ſe ajuntem e conſervem os productos, ao menos os mais notaveis, que ſe achão dentro do Reino e das ſuas Colonias.

Como porém muitas vezes ſuccede, que alguns dos exemplares, particularmente quando são remettidos de paizes diſtantes, chegão damnificados e por iſſo indignos de ſe guardarem nos Gabinetes, por não terem ſido devidamente eſcolhidos, preparados e acondicionados; e como além diſſo nem todas as peſſoas, que he neceſſario encarregar das remeſſas e das noticias que devem acompanhallas, ſe ſuppõem igualmente inſtruidas no melhor methodo de ſatisfazer as ſuas Commiſsões, julgou conveniente a meſma Academia apontar as ſeguintes Inſtrucções, pelas quaes poderáõ dirigir-ſe, os que dellas neceſſitarem.

Adverte-ſe com tudo a cada hum dos

dos Correſpondentes e Commiſſarios, que, quando por alguns motivos, que occorrão, lhes não ſeja poſſivel ſatisfazer em tudo, ſatisfação ao menos em parte, e do melhor modo que poderem, ao que neſtas Inſtrucções ſe recommenda, em quanto ao numero e perfeição dos exemplares que ſe pedem, e em quanto ao methodo de os preparar e remetter.

BREVES INSTRUCÇÕES

Sobre as remeſſas dos productos e noticias pertencentes á Hiſtoria da Natureza, para formar hum Muſeo Nacional.

§. I.

Das remeſſas dos Animaes.

AS remeſſas dos individuos do reino animal são as mais difficultoſas pelas preparações, que he neceſſario fazer, a fim de impedir a corrupção, a que eſtão mais ſujeitos, que os individuos dos outros dois reinos. E como eſtas preparações varião algum tanto conforme a variedade de algumas das eſpecies animaes, exporemos ſeparadamente as que são proprias de cada huma dellas.

Mas primeiro que tudo he preciſo advertir em geral, que os Animaes deſtinados para o Muſeo, devem ſer apanhados de modo, que fiquem todos, ſem exceição alguma, com a cabeça inteira; os quadrupedes com todas as unhas e dentes, e ſem rotura conſideravel na pelle; as aves com o bico e pés, e com todas as pennas; os peixes com todas as barbatanas e cau-

e cauda ; em huma palavra ao menos aquellas partes , de que ſe ſervem os Naturaliſtas para caracterizarem cada huma das eſpecies , devem , depois de feita a preparação , ficar , quanto for poſſivel , no ſeu eſtado natural.

Dos Quadrupedes.

Como he impraticavel conſervar ſem corrupção por muito tempo com a carne os quadrupedes grandes , faz-ſe preciſo eſfollallos de modo que , cheia a ſua pelle com alguma materia eſtranha , ſe lhes dê a meſma fórma exterior , que tinhão em quanto vivos.

Para eſte effeito nos animaes quadrupedes de mediana grandeza far-ſe-ha na pelle ou huma incisão direita deſde a parte mais inferior do ventre até o *anus* , ou duas incisões , cada huma das quaes principie no meſmo *anus* , e continue pela parte interior das coxas até á juntura deſtas com as pernas.

Por eſta abertura feita de qualquer dos dois modos , que parecer mais conveniente , depois de ſeparada , com os dedos ou com algum inſtrumento accommodado , a pelle que rodea as duas coxas , ſe tiraráõ eſtas para fóra , cortando-as pelas articulações , que as unem com as pernas , cujos oſſos ſe deſcarnaráõ , quanto for poſſivel.

Depois ſe continuará a deſpegar a pelle das

das coſtas até chegar á cauda, a qual, ſe não ſe puder eſfollar, ſe cortará pela juntura, que a une ao tronco.

Feito iſto, ſe voltará para a cabeça do animal a parte poſterior da pelle, que já eſtá ſeparada do corpo; e puxando-a até ás eſpaduas, ſe fará nos braços o meſmo que ſe fez nas coxas, cortando-os pelas articulações das canellas; as quaes tambem ſe deſcarnaráõ da meſma ſorte que as pernas.

Continuar-ſe-ha a puxar a pelle até deſcobrir ametade da cabeça para a deſcarnar: ſeparada eſta do corpo pela ſua juntura com o peſcoço, ſe extrahirá toda a ſubſtancia do cérebro; e depois de bem limpa a cavidade, ſe encherá eſta com eſtopa, ou algodão miſturado com pedra hume calcinada em pó, ou com outras materias de cheiro activo, como tabaco, pimenta, alcanfor, &c., enſopando primeiro tudo em oleo de therebentina.

Com eſta meſma compoſição, depois de ſe cortar a lingua pela ſua raiz, e deſcarnar bem os queixos, ſe encherá a parte da goélla que reſtar pegada á cabeça.

Tambem ſe arrancaráõ os olhos, de modo que ſe não rompão as palpebras; e depois de bem limpas e enxutas de toda a humidade as ſuas orbitas, ſe encheráõ com as meſmas materias que acabamos de apontar. Em lugar dos olhos arrancados ſe metteráõ outros artificiaes

ciaes ou de vidro, ou de eſmalte, ou de outra materia ſólida, que imitem na figura e cores os naturaes; e quando iſto ſe não poſſa fazer com a perfeição devida, remetta-ſe ao menos o ſeu deſenho com as cores proprias, ou huma relação exacta, que ſuppra do melhor modo a ſua falta.

Depois de ſeparada toda a pelle, deve raſpar-ſe bem o interior della com algum inſtrumento de aço pouco affiado, para que a não rompa, e esfregar-ſe com ſabão desfeito em agoa tepida, até que fique ſem o menor reſto de carne, ſangue ou gordura, que poſſa ſer principio de corrupção. Para acabar de ſeccar toda a ſua humidade, ſe pulverizará a meſma parte interior da pelle com cal extincta ao ar, e reduzida a pó por ſi meſma, ou tambem com cal viva miſturada com huma doze de greda, que baſte a temperar a ſua actividade. Eſta pulverização póde repetir-ſe huma e mais vezes, até que ſe conheça que a pelle eſtá inteiramente ſecca. E para extinguir todos os inſectos, que poſsão cauſar algum damno ao cabello, ſerá muito conveniente defumar as pelles já ſeccas com o vapor de enxofre inflammado; e ſe embrulharáõ logo em pannos bem tapados para evitar que outros inſectos venhão de novo depoſitar nellas os ſeus óvos.

Acabadas eſtas operações, encher-ſe-ha todo o eſpaço, que occupava o corpo do animal,

mal, com a meſma compoſição, com que ſe encheo a cavidade da cabeça, ou com outra equivalente que conſte de materias molles e ſeccas, e de drogas antiputridas: e por meio de arames groſſos á proporção da grandeza do animal, e diſpoſtos pela parte de dentro, ſe dará ao peſcoço, aos pés, á cauda e a todo o volume a ſua poſtura natural.

Compoſto em fim e limpo o cabello de todas as nodoas de ſangue ou gordura, que no tempo da preparação tiver contrahido, ſe accommodará a pelle aſſim preparada dentro do caixão em que ha de ſer tranſportada, pondo-a e ſegurando-a, de modo que não balance; e tapando as juntas do caixão com tiras de papel ou de panno embebidas em drogas amargas e acres, para impedir que entre a humidade.

Como eſte methodo de encher as pelles dos quadrupedes de mediana grandeza não póde praticar-ſe com os demaziadamente grandes, baſtará que ſe remettão as ſuas pelles com a cabeça pegada, e com todas as unhas. Eſtas pelles devem preparar-ſe com todas as precauções que já apontámos: e quando eſtas não ſejão baſtantes para as ſeccar bem, e extinguir todos os inſectos, ſe metteráõ pelo eſpaço de ſeis horas em fornos, cujo gráo de calor ſeja o maior que as pelles poſsão ſupportar, ſem que ſe queime o cabello; depois do que ſe de-

fu-

fumaráõ, como acima diſſemos, com o vapor de enxofre inflammado; e ſe embrulharáõ cada huma á parte em pannos bem tapados, introduzindo pelas ſuas dobras therebentina, e outras drogas de cheiro penetrante e ſabor acre. Tudo o mais ſe fará, como fica dito das pelles dos outros quadrupedes.

Mas, como ſó as pelles não baſtão para dar huma idéa juſta da fórma e poſtura do animal, recommenda-ſe aos Correſpondentes, que mandem junto com ellas hum deſenho, ou huma deſcripção exacta, ao menos daquelles, que não são vulgarmente conhecidos, ou que tem alguma coiſa de extraordinario.

Recommenda-ſe tambem aos meſmos Correſpondentes, que, quando ſucceda receberem algumas pelles de animaes, remettidas de algum lugar diſtante da ſua reſidencia, que não foſſem logo depois de ſeparadas do corpo devidamente preparadas, e nas quaes obſervem o mais leve indicio de corrupção principiada, as mettão promptamente e conſervem pelo eſpaço de dois dias em algum licor eſpirituoſo; e depois as ſequem, e accommodem nos caixões pelo methodo acima expoſto.

Os quadrupedes pequenos, que não poſſão preparar-ſe, como os de mediana grandeza, ſe preparão facilmente deſte modo. Por huma incisão pequena junto ao *anus* ſe extrahiráõ todos os ſeus inteſtinos; e depois de bem lim-

limpa e enxuta a cavidade que fica, ſe encherá eſta com eſtopa ou algodão miſturado com os meſmos ingredientes, que acima diſſemos. Arrancados os olhos com as advertencias já expoſtas, ſe metteráõ os corpos em agoa ardente por algum tempo, renovando-a ao menos huma vez. Depois ſe acamaráõ em vaſos cheios de licor compoſto de tres partes de agoa pura e huma de eſpirito de vinho, no qual ſe tenha diſſolvido huma boa porção de pedra hume calcinada. Os bocaes deſtes vaſos, em que hão de ſer remettidos os animaes, devem ſer tapados, quanto for poſſivel, com tampas bem juſtas e betumadas com huma miſtura de cêra e rezina; e os meſmos vaſos accommodados nos caixões de modo que não quebrem, ſe forem de materia fragil, nem balancem com o movimento do tranſporte.

Os eſqueletos dos animaes, que tambem entrão na claſſe das precioſidades que merecem hum lugar diſtinto nos Gabinetes, não precisão de preparações tão delicadas, para ſe remetterem ſem perigo de corrupção. Baſta que, depois de bem deſcarnados e limpos todos os oſſos, ſe ponha hum numero differente repetido nas duas extremidades, por onde ſe unem huns com os outros. Por meio deſta numeração ſerá facil armar novamente o eſqueleto, para lhe dar a ſua fórma natural.

Os oſſos de cada animal devem empacotar-

tar-ſe á parte, para não haver confuſão; e accommodallos de ſorte nos caixões, que ſe não quebrem no tranſporte.

Como póde ſucceder que algumas vezes não haja toda a commodidade de ſe remetterem os eſqueletos inteiros, como fica dito, neſſe caſo venhão ao menos as partes mais notaveis dos animaes pouco vulgares; e dos outros, aquellas partes que tenhão alguma coiſa de extraordinario.

Das Aves.

O methodo de preparar as *aves* grandes pouco differe, do que acima ſe expoz para os quadrupedes de mediana grandeza. Ainda que ſe póde principiar a operação por huma unica incisão feita no ventre deſde o *anus* até o oſſo do peito, he melhor que ſe fação duas de ſorte que, naſcendo ambas do *anus*, vá cada huma dellas correndo ao comprido das coxas até terminar no encontro da aza da meſma parte.

Pegando no vertice do angulo, que fórmão no *anus* as duas incisões, ſe irá ſeparando pouco a pouco com os dedos, ou com algum inſtrumento accommodado, a pelle do ventre, e voltando-a para a parte da cabeça da ave até chegar aos encontros das azas.

Deſpegada do meſmo modo a pelle que rodea as coxas, tiradas eſtas para fóra, e cor-

ta-

tadas pelas ſuas junturas com as pernas, cujos oſſos ſerão bem deſcarnados, ſe continuará a operação, ſeparando de vagar a pelle das coſtas até chegar ao uropigio, o qual ſe cortará com huma tiſoura pela articulação que o une ao corpo.

Feito iſto, ſe pegará na parte poſterior já eſfollada do corpo da ave com a mão eſquerda, e com a direita ſe irá tirando com ſentido, para que ſe não rompa, o reſto da pelle, até chegar ás azas; as quaes ſe devem ſeparar do tronco pelas ſuas articulações, deſcarnando, o mais que for poſſivel, os oſſos que ficão pegados á pelle.

Continuar-ſe-ha a puxar a pelle que veſte o peſcoço, até deſcobrir parte do cranio, o qual ſe cortará tranſverſalmente hum pouco acima da ſua união com o peſcoço; ſeparando deſte modo do reſto do corpo a cabeça junta com a pelle.

Por eſta abertura feita no cranio ſe extrahirá toda a ſubſtancia do cerebro; e ſe fará tudo o mais que pertence á preparação interior da cabeça, do meſmo modo que fica dito dos quadrupedes.

Porém nas aves aquaticas, e outras de cabeça grande, cujo peſcoço não he facil de ſe eſfollar até deſcobrir o cranio, ſem o perigo de romper a pelle, ſeparar-ſe-ha da cabeça o peſcoço pela ultima juntura; e depois de re-

vi-

virada a pelle, ſe fará a extracção do cerebro por hum buraco feito de propoſito na parte ſuperior do cranio, que correſponde ao padar.

Antes de revirar a pelle ſe raſpará levemente o interior della, para purificalla de todo o ſangue e gordura; e ſe pulverizará com pós, que conſtem de huma parte de pedra hume queimada, outra de alcanfor, duas de ſolimão, duas de nitro puro, duas de flor de enxofre, quatro de pimenta, e outras quatro de tabaco.

Para revirar facilmente a pelle, ſem eſtragar as pennas, ſe terá feito paſſar antes da operação pelos narizes da ave hum fio comprido e forte, o qual ſervirá para puxar a cabeça fóra, e dar á pelle a ſua ſituação natural.

O methodo de encher as cavidades do corpo, da boca, e dos olhos he inteiramente o meſmo que nos quadrupedes. Baſta ſó advertir, que eſta preparação das aves requer mais alguma delicadeza, para que fique a ſua pelle inteira, e todas as pennas limpas e direitas.

Depois de bem concertadas as pennas, ſe envolveráõ eſtas aves em huma tira de panno, principiando pela cabeça; e ſe accommodaráõ entre materias molles e ſeccas enſopadas em oleo de therebentina dentro dos caixões, com todas as mais cautelas, que já diſſemos.

Eſte methodo de preparar as aves não he facil de praticar-ſe com algumas dellas, principalmente com as pequenas, por cauſa da deli-

licadeza da ſua pelle. Neſte caſo poderáõ enviar-ſe em vaſos cheios de licor eſpirituoſo, preparando tudo da meſma ſorte, que ſe diſſe ſobre a remeſſa dos quadrupedes pequenos; e tendo unicamente a advertencia de quebrar-lhes o oſſo do peito, para não ficarem com difformidade, e de as envolver, como acabamos de dizer das aves grandes, com tiras de panno, para ſe não deſcomporem as ſuas pennas.

Se a diſtancia não for muito grande, quaeſquer que ſejão as aves, baſtará que, depois de preparadas pelo ultimo methodo, que acabamos de expôr, ſe lancem de infuſão pelo eſpaço de quinze dias em eſpirito de vinho bem forte, em que ſe tenha diſſolvido huma boa porção de pedra hume e alcanfor. E ſem outra maior preparação podem remetter-ſe com as cautelas já indicadas.

Os *óvos*, que pela ſua raridade devem remetter-ſe para ornato dos Gabinetes, depois de evacuada toda a ſua ſubſtancia por hum pequeno buraco feito de propoſito em hum dos ſeus pólos, ou em ambos, ſe for preciſo, ſe acamaráõ em bocetas com algodão, ou outra materia molle e ſecca, para evitar o perigo de ſe quebrarem. Os que porém ſe mandão para fecundarem, antes de ſe metterem nos caixões, ſe cobriráõ bem de verniz pelo methodo ſabido de *Reaumur*.

Os *ninhos*, que pelo ſeu artificio forem

dignos da curioſidade do naturaliſta, ſe accommodaráõ da meſma ſorte, e com as meſmas precauções em bocetas bem tapadas. E para extinguir os inſectos, que ordinariamente trazem, ſe metteráõ em hum forno, que ſó tenha o gráo de calor neceſſario para eſte effeito; tendo o cuidado de os envolver logo em pannos, para impedir novos inſectos.

Dos reptís.

A preparação de todo o genero de *reptís*, *ſerpentes*, e *cobras* grandes, cuja pelle póde ſeparar-ſe do corpo, he inteiramente a meſma, que a dos quadrupedes de mediana grandeza, tanto no que reſpeita ao modo de os vazar e tornar a encher de materias eſtranhas, como no que pertence ao modo de os accommodar nos caixões.

Só deve advertir-ſe, que a incisão, por onde principião todas as mais operações, nos reptís, como o ſardão e outros, deve fazer-ſe da parte do ventre ao menos deſde o meio da cauda até o peſcoço, conduzindo-a pelo interior das coxas e braços até ás ſuas articulações; e nas cobras grandes, como as giboias, ſe fará em todo o ſeu comprimento, por onde as eſcamas das coſtas ſe ajuntão com as do ventre. Eſtas ſe accommodaráõ nos caixões, enrolando-as eſpiralmente, como ellas muitas vezes fazem, em quanto vivas.

Os

Os reptís pequenos podem remetter-ſe em licores eſpirituoſos, em que ſe tenha diſſolvido baſtante quantidade de pedra hume e alcanfor; e tendo o cuidado de renovar eſtes licores ao menos duas vezes antes da remeſſa.

Dos peixes.

Aquelles *peixes*, que os Naturaliſtas chamão *cetaceos*, e cujas pelles são tão fortes, como as dos quadrupedes, podem preparar-ſe do meſmo modo que eſtes; excepto que a inciſão ſe deve fazer na parte inferior por todo o ſeu comprimento, para os evacuar com mais facilidade. Dos peixes, que forem demaziadamente grandes, baſtará mandar as pelles ſeccas e preparadas, como diſſemos dos quadrupedes.

Se os peixes, que houverem de ſe mandar, forem chatos e delgados de ſorte, que poſsão ſeccar-ſe bem, extrahidas com algum inſtrumento accommodado as ſuas entranhas, e lavada bem a cavidade que fica, ſe lançarão de infuſão em agoa ardente pelo eſpaço de doze até quinze dias. Findos eſtes, ſe eſtenderá o peixe com o lado mais branco para baixo ſobre huma lamina de vidro, ou de madeira bem liza; tendo particular cuidado, em que as barbas, cauda e barbatanas fiquem na ſua ſituação natural: e para que eſtas á medida, que forem ſeccando, ſe não torção, e deſcom-

ponhão ; depois de concertadas, e em quanto eſtão humidas e com a ſua cólla natural, ſe lhe pregaráõ pela parte de cima algumas tiras de papel, que ſerviráõ para as conſervar ſempre na meſma poſição.

Feito iſto, ſe exporá ao calor do Sol, ou a hum vento forte; e paſſados quatro ou ſinco dias, ſe deſpegará o peixe por meio de huma agulha de fardo, ou outro inſtrumento ſimilhante, que mettendo-ſe entre o peixe e a lamina, ſe faça caminhar da cabeça até á cauda, para não deſconcertar as barbatanas; o que ſuccederia, conduzindo-ſe a agulha em ſentido contrario.

Voltando o peixe com a parte inferior para cima, ſe exporá ſegunda vez ao Sol ou ao vento, pelo tempo que for preciſo. Repetindo iſto, até que ſe conheça eſtar o peixe perfeitamente ſecco, ſe untará por fóra com bom verniz tranſparente, e ſe accommodará nos caixões com todas as cautelas já indicadas.

Os peixes *eſcamoſos*, que pela muita delicadeza da ſua pelle não podem ſer preparados como os *cetaceos*; nem tão pouco pela grande groſſura da ſua carne ſe podem ſeccar bem, como os chatos e delgados; ſe cortaráõ em duas partes, conduzindo o córte pelo embigo deſde a cabeça até á cauda; e tendo o cuidado de que todas as barbatanas e a cauda fiquem inteiras e pegadas a huma das duas

ame-

ametades. Eſta ametade, que he a que ſe deſtina para ſe conſervar, ſe alimpará da parte das eſcamas com o gume de huma faca, que a toque levemente, e corra deſde a cabeça até á cauda; porque em ſentido contrario arrancaria as eſcamas, em cujas cores e luſtre conſiſte hum dos principaes merecimentos dos peixes eſcamoſos.

Com a meſma faca, ou outro qualquer inſtrumento accommodado, ſe irá deſpegando pouco a pouco toda a carne, até que fique ſó a pelle com a ametade da cabeça pegada. Deſta ſe tirará o cerebro que reſtar, e todas as porções de oſſos, que fórmão differentes ſeparações no interior do cranio. Tambem ſe extrahirá toda a ſubſtancia do olho, cuja figura e cores ſe devem notar, como diſſemos, para ſe ſupprir depois a ſua falta com outro artificial. Se a cabeça do peixe for muito curva, ſe aplanará, pondo-lhe em cima algum pezo; com a advertencia que antes ſe deve metter por baixo e por cima da cabeça alguma materia molle.

Eſta meia pelle aſſim preparada ſe pegará pela parte interior com a ſua meſma cólla natural a huma folha de papel; e ſe porão as barbatanas e cauda na ſua fórma e ſituação natural. Depois de bem ſecca ſe untará com verniz tranſparente, e ſe metterá no caixão com as precauções neceſſarias.

Os peixes em fim, que ou pela ſua pequeque-

quenez, ou por outras cauſas, não poderem preparar-ſe por algum dos modos, que acabamos de expôr, ſe enviaráõ em vaſos cheios de licores eſpirituoſos, os quaes devem ſer mais fortes, e renovar-ſe mais vezes antes da remeſſa, do que ſe requer para os outros animaes pequenos. He eſcuſado repetirmos aqui tudo o mais, que já ſe diſſe, ſobre eſte genero de remeſſas de animaes pequenos.

Dos animaes cruſtaceos.

Todos os animaes, a que os Naturaliſtas dão eſte nome, ou habitem no mar, ou nos rios, ou na terra, ſe preparão do meſmo modo, attendendo unicamente á ſua grandeza; ſegundo a qual podemos dividillos, em quanto á ſua preparação, em duas claſſes, de grandes, e pequenos. Eſtes, quando pela ſua pequenez ſe não puderem evacuar de toda a ſua ſubſtancia molle e corruptivel, ou quando não poſsão ſeccar-ſe ſem detrimento ſenſivel da ſua fórma e cores naturaes; accommodando primeiro ſobre o ventre as ſuas pernas, e diſpondo do melhor modo as ſuas antennas, para ſe não quebrarem, ſe embrulharáõ, cada hum á parte, em hum pequeno panno, que ſe envolverá com hum fio; e aſſim embrulhados ſe lançaráõ em eſpirito de vinho para ſe remetterem.

Os

Os cruſtaceos grandes podem mais facilmente evacuar-ſe; o que ſe fará, ſeparando a caſca, que cobre o corpo, da parte inferior, á qual ficão pegadas as pernas, e toda a ſubſtancia molle do animal. Eſta ſe tirará toda do melhor modo poſſivel; ainda meſmo, a que eſtá dentro das pernas, ſenão de todas, ao menos das mais groſſas. Lavadas, e bem limpas todas as cavidades, que ficão depois de extrahida a ſubſtancia interior, ſe encherão com as meſmas materias, que já apontámos, fallando dos outros animaes. Antes de os encaixotar, devem expôr-ſe ao ar o tempo neceſſario para ſe ſeccarem bem. Depois de ſeccos ſe accommodarão em bocetas com todas as precauções preciſas, para que cheguem inteiras todas as ſuas partes, ainda as mais delicadas. Para iſſo ſerá conveniente, que cada hum deſtes animaes ſe embrulhe em hum panno, depois de poſtas na ſua ſituação natural todas as pernas, e antennas; e que as bocetas, em que hão de ſer remettidos, tenhão capacidade baſtante, para não ſer neceſſario dobrar eſtas partes mais faceis de quebrar-ſe.

Dos inſectos.

No que pertence ao modo de preparar os *inſectos* deſtinados para o Muſeo, podemos conſiderallos, a pezar da ſua prodigioſa variedade,

de, como repartidos em tres claſſes, a cada huma das quaes compete huma preparação particular.

Todos aquelles inſectos, cujo corpo he cercado de huma caſca dura, e aſſás forte para conſervar depois de ſecca a ſua fórma exterior, ſe metteráõ em fórnos, que ſó tenhão o gráo de calor neceſſario para diſſipar toda a humidade interior, ſem offenſa das partes, que devem conſervar-ſe inteiras. O calor do Sol, ſendo muito activo, poderá ſupprir a falta de fórnos, principalmente nos Paizes quentes.

As borboletas, e algumas eſpecies de moſcas, cujas azas imitão as das borboletas, tambem ſe preparão do meſmo modo, ſeccando-as ou em fórnos, ou ao calor do Sol. Porém, como todo o merecimento deſtes inſectos conſiſte na delicadeza de ſuas azas, e na vivacidade e formoſura de ſuas cores, as quaes unicamente naſcem de hum pó brilhante que as cobre, e que he muito facil de deſpegar-ſe; he preciſo mettellas, aſſim que ſe apanharem, entre duas folhas de papel com as azas bem eſtendidas; e aſſim meſmo ſe exporão ao calor, mudando de papeis até que eſtejão perfeitamente ſeccas, e em termos de ſe poderem encaixotar com as cautelas neceſſarias.

Todos os outros inſectos, que conſtão de huma ſubſtancia molle, e que depois de ſeccos perdem inteiramente a ſua primeira figura, e

as

as ſuas cores naturaes, ſó podem conſervar-ſe em licores eſpirituoſos pelo meſmo methodo, que já expuzemos ſobre os quadrupedes pequenos.

Não he preciſo advertirmos, que a accommodação dos inſectos nas bocetas requer hum cuidado particular, para ſe não quebrarem no tranſporte as ſuas partes mais delicadas, que são as principaes, de que ſe ſervem os Naturaliſtas para diſtinguir as diverſas eſpecies.

De outras producções pertencentes ao reino Animal.

Debaixo deſte titulo comprehendemos todas as eſpecies de animaes de conchas, e todas as mais producções, principalmente marinhas, que tem algum ſentimento de vida, ainda que obſcuro. As mais notaveis são as *Eſtrellas do mar*, em que ſe obſervão ſinaes menos equivocos de ſenſibilidade.

Eſtas, quando são pequenas, e de pouca groſſura, depois de as metter alguns minutos ou em eſpirito de vinho, ou em agoa fervendo, para coagular a ſubſtancia interior, de que ſe compõem; ſe exporão pelo tempo neceſſario ao vento, até que fiquem perfeitamente ſeccas, e livres de corrupção. E cobrindo-as com algum verniz tranſparente, ſe encaixotaráõ com as cautelas já ſabidas.

Mas

Mas aquellas, que são maiores, e conſideravelmente groſſas, nunca poderáõ ſeccar-ſe de modo, que eſcapem de corrupção. Será preciſo extrahir-lhe huma eſpecie de carne, ou parenchyma, de que eſtão cheias; e depois ſeccar e envernizar as ſuas pelles, como fica dito.

Para fazer com mais facilidade a extracção deſta ſubſtancia interior, ſe fará no centro, onde ſe unem as pernas ou raios das eſtrellas marinhas, da parte das coſtas, huma incisão circular, mas incompleta, para que fique pegada ao reſto do corpo eſta porção de pelle, que ſe corta. Por eſte buraco ſe extrahirá por meio de algum inſtrumento de ferro curvo, que ſe introduza pelo interior de cada huma das pernas, toda a ſubſtancia corruptivel.

Deve porém advertir-ſe, que, para ficarem depois de ſeccas na ſua poſição natural todas as eſtrellas marinhas, tanto as grandes como as pequenas, he preciſo, que logo depois de apanhadas, e em quanto eſtão vivas, ſe ponhão com o ventre para baixo em cima de huma meza; pela qual ellas meſmas por ſi eſtenderáõ as ſuas pernas até ficarem na ſua poſtura natural. Neſta meſma poſtura ſe deixaráõ por eſpaço de tres ou quatro dias, até ſe conhecer que eſtão mortas, para continuar as operações, que acabamos de expôr.

Todos os animaes marinhos, que são guarnecidos de muitos eſpinhos agudos, delica-

cados e duros, ſe preparão, extrahindo com hum arame curvo na ponta por huma abertura natural, que todos tem pela parte inferior, a ſubſtancia molle que eſtá dentro da concha; cuja cavidade ſe lavará bem com agoa ardente; e depois de tudo eſtar perfeitamente ſecco, ſe accommodará cada huma deſtas peças na ſua boceta com algodão, obſervando todas as mais cautelas neceſſarias, para que no tranſporte ſe não quebrem os ſeus eſpinhos.

Todo o genero de conchas ou univalves, ou polyvalves são dignas de ſe conſervarem nos Gabinetes. Não ſe devem mandar as que ſe apanhão nas coſtas do mar, que as ondas lanção em terra, as quaes com a contínua fricção da arêa ficão roçadas, e ſem huma grande parte do ſeu merecimento natural. Por iſſo o mais ſeguro he mandar ſó aquellas, que ſe apanhão com o ſeu verme ainda vivo, o qual com hum alfinete, ou com hum arame facilmente ſe tira, depois de ter lançado a concha em agoa fervendo. Deſte verme baſta que ſe mande o deſenho, ſe houver quem o faça: e para o fazer, ſe metterá a concha, em quanto o ſeu verme eſtá vivo, em hum vaſo cheio de agoa do mar, ſe ella for marinha, ou de agoa doce, ſe ella for fluvial; porque então ſahe o verme todo fóra da concha, e dilata ao natural todas as ſuas partes de ſorte que com muita facilidade ſe póde deſenhar: nas conchas

ter-

terreſtres ſerá preciſo eſperar, que o animal ſaha por ſi meſmo para ſe poder tirar o ſeu deſenho.

Depois de bem ſeccas as conchas, ſe embrulhará cada huma dellas em hum pouco de algodão, ſegurando-o por fóra com hum fio; e ſe accommodaráõ com diverſas camadas do meſmo algodão dentro das bocetas, em que devem remetter-ſe com todas as mais cautelas.

Deve advertir-ſe a reſpeito de todas as producções do mar, que antes de as ſeccar, para ſe remetterem, he preciſo lavallas em agoa doce; porque o ſal marinho attrahe muito a humidade, de que póde originar-ſe corrupção.

§. II.

Das remeſſas dos Vegetaes.

COmo eſtas inſtrucções não tem por objecto formar hum Jardim Botanico; mas unicamente enriquecer hum Muſeo Nacional, ſeria ſuperfluo apontarmos o methodo de tranſportar as arvores e plantas de Paizes Eſtrangeiros para as tranſplantar nos noſſos terrenos; materia que tem ſido admiravelmente tratada por muitos Naturaliſtas deſte ſeculo; e que a Academia, ſe o julgar neceſſario, reduzirá a inſtrucções compendioſas em outro papel á par-

parte. Por ora ſó ſe trata do modo mais facil de remetter as plantas ſeccas com todas as partes, que as caracterizão.

Para eſte fim ſe colherão as plantas pequenas com raiz, tronco, folhas, flores e frutos. Das plantas, que não produzem no meſmo tempo as flores e os frutos, ſe colherão dois pés, cada qual tenha huma das duas coiſas. Das arvores, arbuſtos e plantas maiores baſtará colher hum ou dois dos ramos mais tenros com o ſeu fruto, e com as ſuas flores. Quando ſucceda não ſe poder enviar todas eſtas partes juntas, ſe enviarão ſeparadas; com tanto que ſe declare, a que planta pertence cada huma dellas.

Para ſe ſeccarem eſtes ramos, ou plantas inteiras, depois de ſe eſtenderem perfeitamente todas as ſuas folhas entre dois papeis pardos, ſe comprimirão em huma imprenſa, ou debaixo de huma taboa carregada de pezos, mudando de papeis huma ou duas vezes no dia, até que eſteja de todo extrahida a ſua humidade. Para maior ſegurança, depois deſta operação, ſerá conveniente expôr por algum tempo ao calor do Sol eſtas plantas, quando ſe tirão a ultima vez da imprenſa.

Feito iſto, ſe eſtenderão ſegunda vez os individuos de cada eſpecie ſeparadamente em diverſos papeis, os quaes ſe acamarão em caixas de folha de Flandres, e na falta deſtas em bo-

bocetas bem tapadas do modo, que já ſe tem advertido ſobre as outras remeſſas; não eſquecendo introduzir dentro dellas algumas drogas de cheiro forte e penetrante, como alcanfor, ou tabaco de fumo.

Ha algumas arvores, e ainda meſmo plantas pequenas, cujas folhas, frutos, e flores ſão tão eſpeços e ſucculentos, que não podem ſeccar-ſe pelo methodo expoſto, ſem que fiquem inteiramente desfigurados. Eſtes ſó podem conſervar-ſe, e remetter-ſe em vaſos cheios de agoa ardente com as cautelas já indicadas para outras remeſſas ſimilhantes.

Aquelles frutos, que pela ſua natural dureza ſe podem conſervar muito tempo ſem corrupção, ſe colheráõ maduros, e ſe exporáõ algum tempo ao calor do Sol, para ſe acabar de evaporar algum reſto de humidade; e depois ſe metteráõ nas caixas, em que devem enviar-ſe.

Do meſmo modo ſe podem remetter algumas raizes *tuberculoſas*, e que ſe conſervão muito tempo ſem corrupção, como o *gingibre*, *curcuma*, *amomum*, e outras. A eſtação mais favoravel de as tirar da terra nos paizes temperados he a da Primavera, ou os fins do Outono. Eſcolhendo-ſe as mais fortes, ſe porão em algum lugar enxuto á ſombra até ſe evaporar a ſua primeira humidade; e ſe metteráõ depois em caixões com arêa bem ſecca, para ſe remetterem.

To-

Todo o genero de plantas *bulboſas*, que ou pela ſua dureza, ou pela caſca, que as veſte, ſe conſervão com mais facilidade ſem corrupção, ſe preparão da meſma ſorte, que as raizes *tuberculoſas*.

Não ſe faz preciſo advertir o methodo de enviar as diverſas eſpecies de balſamos, rezinas, gommas, e outras producções ſimilhantes, que pertencem ao reino vegetal, ou ſejão ſolidas ou líquidas; porque ſão bem conhecidas no commercio, e já a experiencia tem moſtrado o melhor modo de fazer as ſuas remeſſas.

Tambem merecem entrar nas collecções proprias de hum Muſeo as diverſas caſcas, que veſtem os troncos das arvores, principalmente as que tem algum uſo nas Artes; como tambem as amoſtras de madeiras, que ſe fazem notaveis, ou pelo polido, de que ſão ſuſceptiveis, ou pela ſingular contextura de ſuas partes, ou pela variedade de ſuas cores, ou por outra qualquer qualidade, e particularmente pela utilidade, que dellas ſe póde tirar para as manufacturas, e uſos da Sociedade. Eſte genero de peças he facil de remetter-ſe de modo, que cheguem ſem damno ao lugar do ſeu deſtino.

Tudo o que póde dizer-ſe ſobre as remeſſas das *ſementes*, ſe reduz a não as colher, ſenão depois de maduras; e a mettellas, eſtando bem enxutas, com muſgo freſco, e pouco cal-

calcado, ou com arêa bem ſecca e miuda dentro dos caixões, em que ſe hão de remetter. As ſementes grandes tambem ſe podem cobrir de cêra derretida em hum pouco de oleo de therebentina, tendo a cautela de deixar primeiro esfriar eſta untura até o ponto, em que o calor não poſſa cauſar-lhe damno.

Seja qual for o modo de preparar, e remetter as ſementes, deve indiſpenſavelmente advertir-ſe, que cada huma das diverſas eſpecies neceſſariamente ha de vir ſeparada da outra, de ſorte que ſe não confundão. Não uſando da miſtura de muſgo, ou arêa, podem remetter-ſe, para evitar eſta confuſão, cada huma das eſpecies de ſementes embrulhada á parte em hum papel encerado; obſervando na ſua accommodação dentro das bocetas as precauções neceſſarias, para que cheguem inteiras.

Como huma grande parte das ſementes amadurece dentro de *capſulas*, em que mais facilmente ſe conſervão, ſerá conveniente, e não menos commodo mandar eſtas meſmas capſulas com a ſua ſemente; accommodando-as nas bocetas do meſmo modo que fica dito.

§. III.

§. III.

Das remeſſas dos Mineraes.

OS productos do reino mineral são os que menos cautelas requerem, para chegarem ſem damno. A maior difficuldade conſiſte em conhecellos, e ſaber procurallos. No que reſpeita ás ſuas remeſſas, que he o unico objecto deſtas Inſtrucções, podemos dividillos em *terras*, *pedras*, e *foſsís*.

As diverſas eſpecies de terra podem remetter-ſe em pequenos ſaccos differentes; mandando maior quantidade daquella, em que ſe ſentir algum ſabor ſalino, ou cheiro, ou outra propriedade, que a faça notavel, principalmente pelo uſo, que póde ter nas Artes.

Das pedras, ou ſejão de banco, ou vagas, devem mandar-ſe particularmente as que tiverem alguma raridade, ou pelos ſaes, que contenhão, ou pela ſua côr, dureza, figura, tranſparencia, &c., como são os cryſtaes, agathas, marmores, congelações, amiantos, &c.

As amoſtras de todo o genero de foſsís, que puderem ajuntar-ſe, são dignas da curioſidade do Filoſofo, e conſeguintemente merecem ſer conſervadas em hum Muſeo. Por iſſo recommenda-ſe aos Correſpondentes, que de todos os differentes metaes, ainda dos vulga-

res , de todo o genero de petrificações, cryſtallizações, bitumes foſsís, lavas, pyrites, &c. remettão os exemplares , que lhes for poſſivel ajuntar.

Todos eſtes exemplares de qualquer dos tres generos, de terras, pedras e foſsís, devem remetter-ſe em caixões ſeparados, podendo ſer, para evitar confuſão; e embrulhados á parte com numeros differentes, que correſpondão aos numeros da relação , de que adiante fallaremos.

Accommodar-ſe-hão nas caixas, ou bocetas de modo, que o movimento do tranſporte lhes não cauſe algum damno ; e ſe obſervaráõ as mais cautelas neceſſarias, para que a humidade os não prejudique.

Entre as differentes e quaſi infinitas eſpecies de individuos, que a natureza produz no ſeio do mar, ha algumas, que fórmão em certo modo huma claſſe á parte ; e que por eſſa meſma cauſa parece não devião confundir-ſe com as outras producções pertencentes aos tres reinos. Eſtas são as *Madreporas* , *Coraes* , *Lithofytos* , &c. que alguns illudidos com a fórma exterior reduzírão á claſſe das plantas marinhas ; e outros , attendendo á ſua dureza, julgárão ſer eſpecie de pedras.

Todas eſtas producções ſe fazem dignas da curioſidade dos Naturaliſtas , pela grande variedade da figura e diſpoſição de ſeus ramos,

mos, e por outras particularidades não menos admiraveis. Por iſſo devem eſcolher-ſe as que forem mais inteiras, e tiverem maior numero de ramos. E, como muitas vezes ſahem pegadas a pedaços de rócha, e entrelaçadas humas com outras, aſſim meſmo ſe devem remetter; porque eſtas circumſtancias accidentaes ſão igualmente dignas da attenção do Filoſofo.

Como porém nenhuma deſtas ſubſtancias he ſujeita a corrupção, baſta que ſe accommodem nos caixões cercadas de materias molles, e ſeguras com traveſſas de mádeira, para ſe não quebrarem com o movimento.

Eſtas ſingulares producções não são mais, que huma collecção de pequenas caſas habitadas por animaes do genero dos polypos, os quaes ſe multiplicão huns ſobre os outros de hum modo analogo, ao modo com que creſcem os ramos das plantas. Para haver eſtes animaes, e podellos enviar á parte, ſe metteráõ logo, apenas ſe tirarem do mar, as maſſas duras, que os contém, em vaſos cheios da meſma agoa do mar, que ſeja bem pura. Paſſada huma hora pouco mais ou menos, com o ſoccorro de huma lente, ſe for neceſſario, ſe diviſaráõ parte de cada hum dos animaes, fóra de ſuas pequenas grutas. Não ſe deixará eſcapar eſte momento; e com algum inſtrumento, ou com os meſmos dedos, ſe prenderá o animal; e arrancando-o precipitadamente do ſeu

apoſento, ſe lançará logo em eſpirito de vinho, que deve eſtar prompto, para que elle não tenha tempo de ſe contrahir, e perder a ſua fórma natural antes de morrer. No meſmo eſpirito de vinho ſe podem conſervar eſtes pequenos animaes, aſſim como todo o genero de polypos: e as ſuas remeſſas ſe farão do meſmo modo, e com as meſmas cautelas, que já ſe advertírão, fallando dos inſectos.

Ha outras producções marinhas além das ſobreditas, que pela ſua figura, miudeza, e flexibilidade de ſeus ramos ſe equivocão mais com as plantas. Os Botaniſtas lhes dão vulgarmente o nome de muſgos marinhos, ou corallinas. Para as remetter, baſta lavallas em agoa doce até depôrem todo o ſal marinho; e depois de bem ſeccas accommodallas em bocetas em differentes papeis com todas as mais precauções já expoſtas ſobre as remeſſas das plantas terreſtres.

Como porém eſtas meſmas corallinas pelas ultimas obſervações ſe tem conhecido conſtarem de pequenas caſas, em que habitão animaes, da meſma ſorte que as madreporas; far-ſe-ha tudo, o que acima advertimos, para ſeparar, conſervar, e enviar eſtes animaes. He preciſo advertir, que devem remetter-ſe em vaſos differentes os animaes, que ſe tirão de differentes ſubſtancias, para ſe não confundirem as ſuas eſpecies, as quaes differem entre

ſi conforme a differença das maſſas, em que ſe achão.

Além de todas eſtas producções marinhas ha outras muitas, que não ſó tem a fórma exterior de plantas, mas que verdadeiramente o são, como o ſargaço, e outras. Eſtas, como já advertimos, devem lavar-ſe primeiro em agoa doce; e depois de bem ſeccas, ſe encaixotaráõ, como as outras plantas, ou como as borboletas, ſe forem demaziadamente delicadas.

As eſponjas marinhas, cuja natureza ainda não he baſtantemente conhecida por falta de obſervações, mas que facilmente ſe diſtinguem das outras eſpecies pela ſua fórma exterior, merecem tambem ſer conſervadas nos Gabinetes. Depois de lavadas em agoa doce, e eſtando bem enxutas e ſeccas, ſe accommodaráõ nos caixões com algodão, ſargaço ou eſtopa, ſem as comprimir muito; e obſervando as mais advertencias, que temos feito ſobre a preparação exterior das caixas, em que ſe remettem os mais productos da natureza.

Parece eſcuſado dar inſtrucções ſobre as remeſſas de algumas obras de artificio dos naturaes do paiz, como de ſeus veſtidos, armas, inſtrumentos, &c.; porque todos conhecem, como eſtas e outras coiſas ſimilhantes devem remetter-ſe de ſorte que cheguem bem condicionadas. Aquellas obras, que conſtarem de

coi-

coiſas meramente naturaes, e cujo unico artificio conſiſta na ſua diverſa diſpoſição, como são algumas carapuças e cinturas de pennas de diverſas cores, de que usão alguns póvos da Africa e America, ſe remetteráõ com as cautelas, que deixamos apontadas ſobre as remeſſas das meſmas producções naturaes, de que são compoſtas.

Finalmente as inſtrucções antecedentes poderáõ accommodar-ſe a alguns productos, de que aqui ſe não faz menção, conhecida a ſua natureza, e a claſſe a que pertencem.

§. IV.

Das noticias pertencentes á Hiſtoria Natural.

AS noticias, de que devem incumbir-ſe os Correſpondêntes da Academia, ou dizem relação immediata aos productos da natureza, que remettem para o Muſeo; ou tem por objecto as coiſas mais notaveis e curioſas do terreno, em que ſe achão os ditos productos, e os coſtumes dos póvos que o habitão.

Em quanto á primeira parte, que he a mais indiſpenſavel, recommenda-ſe aos meſmos Correſpondentes, que dentro de cada hum dos caixões, ou bocetas mandem huma relação exacta de todas as coiſas que contém. Suppondo que cada huma das eſpecies vem accommo-

modadas ſeparadamente, e diſtintas com numeros diverſos, na relação debaixo dos meſmos numeros reſpectivos ſe declarará 1.° o nome tanto indigeno, como eſtrangeiro da dita eſpecie, e o nome com que a coſtumão diſtinguir os Naturaliſtas. 2.° Notar-ſe-hão todas as ſuas qualidades mais attendiveis, e particularmente as menos conhecidas. A reſpeito dos animaes, que remette, expreſſará todos os factos conſtantes e uniformes, que diſtinguem mutuamente as differentes eſpecies, como he tudo, o que pertence á ſua geração, lugares que habitão, tempo de coito e de parto, inſtinto, artificios, alimentos, doenças, duração, &c.; mas com mais particularidade ſe demorará ſobre as utilidades, que do uſo delles póde reſultar para a vida humana. Na relação das qualidades dos vegetaes declarará os lugares do ſeu naſcimento, a eſtação propria da ſua plantação, o tempo da ſua frutificação, os uſos, que a experiencia tiver moſtrado ſe podem fazer delles para o alimento, para a medicina, e para todas as mais Artes. Entre as qualidades finalmente dos mineraes, de que mandar as amoſtras, não ſe eſquecerá o Correſpondente de expreſſar os lugares, em que ſe achão, a profundidade de ſeus veios, a natureza dos terrenos circumvizinhos, e os uſos, que já tem no paiz, e os que podem ter na Sociedade.

Se

Se acaſo ſe remetterem algumas obras de artificio dos naturaes do paiz, devem da meſma ſorte vir numeradas, e acompanhadas de huma relação, em que ſe dê huma noticia circumſtanciada dos ſeus nomes, e uſos que lhes dão os meſmos póvos, que dellas ſe ſervem.

Além deſtas relações particulares, que devem enviar-ſe dentro dos meſmos caixões das remeſſas, ſerá conveniente que ſe mande á parte huma relação geral, que as comprehenda todas pela ordem dos tres reinos da Natureza. Deſta deixará o Correſpondente huma copia fiel na ſua mão, para não remetter ſegunda vez exemplares da meſma eſpecie, ou para remetter novamente os que ſe lhe pedirem.

Eſtas noticias particulares, de que acabamos de fallar, ſó ſervem para dar a conhecer os exemplares que ſe remettem; e como não intereſſa menos conhecer o paiz que os produz, recommenda-ſe aos Correſpondentes, que mandem tambem huma deſcripção Geografica delle, que comprehenda com a exacção poſſivel tudo o que tiverem obſervado, e lhes parecer mais digno da attenção de hum Filoſofo. E para procederem ſem confuſão, podem ajuntar debaixo de differentes titulos as ſuas obſervações; ſeparando v. g. as que pertencem á terra, as que pertencem ao ar, e as que pertencem á agoa.

Para eſte effeito, depois de notarem a lon-

longitude e latitude do lugar a reſpeito do Ceo, o ſeu clima, as ſuas dimensões, a ſua ſituação a reſpeito dos pontos cardeaes do mundo, a ſua figura, &c., paſſaráõ a coiſas mais particulares. 1.° Em quanto aos montes, devem declarar, ſe ha muitos, ſe poucos; ſe alguns delles ſão promontorios, e vulcanos; qual he a altura de cada hum, tanto a reſpeito dos valles vizinhos, como a reſpeito da ſuperficie do mar; quaes as ſuas direcções, quaes as groſſuras de ſeus bancos, e mais qualidades interiores, e exteriores. 2.° Em quanto á natureza do terreno devem expôr, quaes ſão os animaes terreſtres, volateis, e inſectos de todas as eſpecies, que nelle ſe produzem e habitão; quaes os vegetaveis, que nelle naſcem; quaes os mineraes, que das ſuas entranhas ſe coſtumão, ou podem extrahir em maior abundancia; quaes finalmente ſão os uſos, a que os habitantes do paiz applicão todos eſtes productos, e os que podem ter na Sociedade. 3.° Em quanto aos homens, deſcreveráõ a ſua eſtatura e fórma exterior, o feitio do ſeu roſto, a ſua força, e côr naturaes; e além de todas eſtas propriedades, notaráõ nas mulheres a ſua fecundidade ou eſterilidade, a facilidade ou difficuldade de ſeus partos; e finalmente as doenças communs aos dois ſexos, apontando as cauſas, a que podem ſer attribuidas. 4.° Em quanto á eſtructura interior do terreno, devem deſcrever as ca-

vi-

vidades ſubterraneas, os crateres vulcanicos, as rimas, os veios metallicos, as diverſas camas de differentes eſpecies de terras, &c.

No que pertence ao ar, devem os meſmos Correſpondentes indicar 1.° em quanto ás ſuas qualidades, qual he o ſeu pezo eſpecifico, qual a ſua ſubtileza ou craſſicie, qual a ſua ſeccura ou humidade, quaes os ſeus gráos de calor ou de frio. 2.° Em quanto aos meteoros do ar, devem moſtrar, as ſuas eſpecies mais commuas, a ordem com que ſe ſuccedem huns aos outros, e o tempo da ſua duração; mas particularmente declararáõ, quaes ſão os ventos geraes e particulares, ou menos frequentes; qual em fim o numero, principio e duração das eſtações, que pelo decurſo do anno varião regular, ou irregularmente no paiz. 3.° Em quanto aos effeitos do meſmo ar, devem declarar-ſe as doenças tanto epidemicas, como ordinarias, a que eſtão mais commummente ſujeitos os habitantes do paiz, e que trazem a ſua origem da intemperança do ar.

No que pertence á agoa, he preciſo indicar 1.° em quanto ao mar, a ſua profundidade, o pezo eſpecifico de ſuas agoas recolhidas em diverſas diſtancias e alturas; a differença do ſeu ſabor, conforme a differença dos ſitios; a variedade de peixes, inſectos, plantas, e outras producções marinhas, que nelle ſe achão; o periodo de ſuas marés combinado

com

com as variações da Lua, &c. 2.° Em quanto aos rios, deſcreveráõ os mais notaveis, declarando os ſeus naſcentes, o ſeu curſo, as ſuas inundações periodicas e extraordinarias, as ſuas fozes; os peixes, inſectos e plantas que produzem; e finalmente as materias mais raras, que trazem comſigo as ſuas correntes dos ſitios, por onde paſsão. 3.° Além das fontes mais notaveis, e indiſpenſavelmente todas as mineraes com huma exacta expoſição das ſuas qualidades e virtudes, deſcreveráõ todos os lagos, ſorvedouros, correntes ſubterraneas, &c. 4.° Se o paiz for vizinho ao mar, devem tirar hum deſenho claro das ſuas coſtas; e declarar todas as variações, que nellas ſe obſervão nas diverſas eſtações do anno. Por conclusão, todas as obſervações, que tiverem feito ſobre o fyſico do paiz, ſerão bem acceitas; principalmente aquellas, que poſsão de algum modo ſer uteis para o augmento do commercio e das Artes.

Para ſatisfazer a eſte importantiſſimo fim, que a Academia ſe propõe, não ſerá menos conveniente, que os ſeus Correſpondentes ajuntem ás noticias Geograficas do fyſico do paiz todas as que puderem alcançar, depois de ſerios exames, relativas ao moral dos póvos que o habitão. E para obſervarem neſta relação a ordem, que em tudo he neceſſaria, poderáõ reduzir todas as noticias, que examinarem, a ti-

titulos diverſos, preferindo ſempre a divisão mais natural; v. g. Religião, Politica, Economica, Artes, Tradições, &c.

Em quanto á Religião, devem expôr com toda a ſinceridade 1.° as idéas geraes que dominão em todo o paiz ſobre a natureza da Divindade, ſobre as ſuas obras, e ſobre o culto que lhe he devido; 2.° as ſeitas diverſas, e os pontos em que differem humas das outras; e juntamente os effeitos, que coſtumão reſultar da diverſidade de ſentimentos neſta materia; 3.° a fórma do ſeu culto, a ſimplicidade ou extravagancia de ſuas ceremonias, os ſeus caſamentos, os ſeus lutos e funeraes, os ſeus ſacrificios, e finalmente todas as ſuas ſuperſtições.

Em quanto á Politica, devem explicar 1.° a fórma do ſeu governo; a qualidade de ſuas leis, ſe as tiverem; o modo de adminiſtrar a juſtiça na diſtribuição dos premios e caſtigos; o numero e qualidade das peſſoas, em quem reſide a authoridade ſuprema; 2.° a fórma de ſeus contratos, e os ritos, que coſtumão acompanhallos; 3.° as ſuas guerras, o modo de as fazer, as armas de que usão.

Em quanto á Economica, devem referir 1.° a maneira de educar os filhos, a qualidade e fórma de ſuas habitações, os ſeus mais communs exercicios; 2.° os ſeus alimentos, e o modo de os preparar, a materia e feitio de

ſeus

ſeus trajes; 3.° as propriedades da ſua lingua, e fórma dos caracteres, ſe uſarem de algum genero de eſcritura.

Em quanto ás Artes, moſtraráõ 1.° o eſtado da ſua agricultura, os uſos e defeitos de ſeus inſtrumentos de layoura; 2.° o modo de fazerem as ſuas caças e peſcas; 3.° as plantas, de que ſe ſervem para ſuſtento, veſtido, remedios, tintas, &c.; 4.° os animaes que empregão no trabalho, e em outros ſerviços domeſticos; 5.° os mineraes que extrahem da terra, os uſos a que os applicão, e o modo de os reduzir a eſſes meſmos uſos; 6.° a perfeição ou imperfeição das artes, manufacturas, e de todo o genero de induſtria, e commercio que houver no paiz.

Em quanto ás Tradições, devem examinar 1.° a ſua origem, antiguidade, univerſalidade, probabilidade ou extravagancia; 2.° o modo de as conſervar, e defender; 3.° ſe no paiz houver algum genero de monumento, ſe dará delle huma exacta deſcripção. Finalmente dar-ſe-ha huma idéa do melhor modo poſſivel dos coſtumes dos Póvos, cuja noticia poſſa influir de alguma ſorte no Bem da Sociedade.

FIM.

PROGRAMMA

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA,

De 17 de Janeiro de 1790.

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

PROPOEM A ACADEMIA OS SEGUINTES PREMIOS.

NAS SCIENCIAS NATURAES.

EM FYSICA.

Para o anno de 1792.

QUAES são os defeitos das nossas aguas ardentes; que lhes tirão no commercio a concurrencia com as de França, quaes as causas Fysicas destes defeitos, e o modo de obviallos fundado na natureza, e em experiencias certas; que a Academia possa verificar.

Premio fixo para todos os annos.

Descripção Fysica e Economica de alguma Comarca, ou territorio consideravel do Reino, ou Dominios Ultramarinos; com observações uteis á Agricultura, e industria Nacional (1).

EM

(1) Deseja a Academia que estas Memorias comprehendão, além da Historia dos tres Reinos da Natureza

EM AGRICULTURA.

Para o anno de 1792.

Examinar o eſtado actual da arte paſtoral neſte Reino, tanto pelo que diz reſpeito ás eſpecies de gado, e modo de o nutrirem, como tambem pelo que reſpeita aos uſos, regras, leis, coſtumes, e abuſos que ha neſta materia, e os proveitos, ou damnos que cauſaõ a Agricultura, com obſervações ſobre o modo de augmentar os proveitos, e diminuir os damnos.

EM MEDICINA NACIONAL.

Para o anno de 1793, para o Brazil com premio dobrado.

Determinar com todos os ſeus ſymptomas as doenças agudas e chronicas, que mais frequentemente accommettem os pretos recém tirados d'Africa: examinando as cauſas da ſua mortandade nos primeiros annos deſpois da ſua chegada ao Brazil: ſe talvez a mudança de clima, ſe a da vida mais laboriosa, ou ſe alguns outros motivos concorrem para tanto eſtrago. E finalmente

do paiz que deſcreverem, feita ſegundo o ſyſtema de Lineo, o eſtado da povoaçaõ, da Agricultura, das Artes Mecanicas, da induſtria, e do commercio com as terras vizinhas, ou com os eſtrangeiros: os defeitos que poderá notar-ſe em cada hum d'eſtes ramos, e os meios de ſe emendarem; finalmente o augmento que he capaz de receber o commercio, e riqueza do tal paiz, ou em geral a induſtria dos ſeus habitadores.

te indicar os methodos mais appropriados para o evitar prevenindo-o, e curando-o. Tudo iſto deduzido da experiencia mais ſizuda, e fiel.

NAS SCIENCIAS EXACTAS.

EM CALCULO.

Sendo tantos e taõ importantes os trabalhos dos Geometras do preſente ſeculo, e do paſſado, ſobre a doutrina das Series, e dependendo em grande parte a perfeiçaõ d'eſte ramo da Analyſe da eſcolha dos principios, em que a ſua Theorica ſe eſtabeleça, e da ordem, e encadeamento das verdades conhecidas, propoem a Academia para aſſumpto do premio que ſe deve adjudicar em Mathematica no anno de 1792.

Hum tratado de Series, em que ſe comprehendaõ todas as verdades mais importantes, que na ſua Theorica ſe tem deſcuberto até ao preſente, deduzidas pelo modo mais facil, e natural do menor numero de principios, e eſtes os mais geraes que for poſſivel.

EM NAVEGAÇAÕ.

Premio fixo para todos os annos (*).

Huma Derrota, em que o uſo das Obſerva-

 çoẽs

(*) O premio para eſte aſſumpto he huma medalha de prata da grandeza e cunho da de ouro dos premios ordinarios da Academia.

para Astronomicas seja o mais frequente, principalmente as das distancias da Lua ao Sol, ou ás Estrelas, sendo estas calculadas segundo os methodos, e taboadas que a Academia tem indicado, e continuar a indicar em as Efemerides Nauticas, que para uso dos nossos Pilotos tem mandado calcular para todos os annos.

EM ARTES MECANICAS.

Para o anno de 1792.

Examinar o grão de resistencia, o pezo, e a duraçaõ das varias especies de madeiras que vem do Brazil, e o uso que podem ter na construcçaõ dos edificios, ou nas maquinas de conducçaõ, deduzido da natureza, e de observações, e experiencias certas, comparando as suas vantagens com as das madeiras Europeas, que costumaõ empregar-se em semelhantes usos.

EM HYDRAULICA.

Premio fixo para todos os annos.

Hum plano de canal para aproveitar as aguas de algum rio de Portugal na irrigaçaõ dos campos, com todas as nivelações, e calculos necessarios para que a Academia os possa verificar.

NA

NA LITTERATURA PORTUGUEZA.

EM HISTORIA PORTUGUEZA.

Para o anno de 1792.

Qual foi o eſtado da Marinha, e Navegaçaõ Portugueza, tanto de guerra, como mercantil, deſde o principio da Monarquia, até ao Reinado do Senhor Rei D. Joaõ II., notando a qualidade, e quantidade de embarcações, a compoziçaõ, e jerarquias das tripulações, as viagens que faziaõ, e todos os regulamentos, e ordens relativas aos Marinheiros, e Marinha.

EM LINGUA PORTUGUEZA.

Para o anno de 1792.

Examinar, e comparar a locuçaõ, e eſtilo de Luiz de Camões, Antonio Ferreira, Diego Bernardes, Franciſco de Sá e Miranda, Pedro de Andrade Caminha, e o que cada hum d'elles contribuio para a perfeiçaõ da Lingua Portugueza.

Premio dobrado ſem limitaçaõ de tempo.

Huma Grammatica Filoſofica da Lingua Portugueza (2). EM

(2) Deſeja a Academia huma Grammatica Filoſofica da Lingua Portugueza, em que ſe contenhaõ principios certos e claros, e por conſequencia accommodada ao enſino da mocidade nas Eſcolas das primeiras letras. Que comece por tratar, do que he commum á Grammatica de todas as Linguas, e da origem, e progreſſos dos conhecimentos humanos, iſto he, do modo com que ſe

EM POEZIA, E THEATRO NACIONAL.

Huma Tragedia Portugueza.

Huma Comedia Portugueza de caracter em verſo, ou em Proza.

Eſtes premios ſeráõ fixos para todos os annos, como tambem os ſeguintes.

Quatro medalhas de prata da meſma grandeza, e cunho, que as de ouro dos premios ordinarios da Academia, ás quatro melhores compoziçõeſ Poeticas que naõ ſejaõ Epopéa, Tragedia, ou Comedia.

EM DIREITO PORTUGUEZ.

I.

Quaes foraõ os diverſos generos, e claſſes de peſ-

adquirem as ideas, como ellas ſe compõem; como ſe analyzaõ; como ſe fazem univerſaes; e como ſe fórmaõ os noſſos juizos e raciocinios, tudo iſto relativamente aos ſinaes com que ſe exprime cada hum deſtes actos do entendimento: dos termos geraes, e como elles ſe formaõ: do modo de ſignificar e uſo das particulas, &c. Que de toda eſta Grammatica univerſal ſe faça applicaçaõ á Lingua Portuqueza, dando principalmente a idéa mais clara que poſſivel for, da ſua analogia nas partes, da Etymologia, e Syntaxe, e explicando as ſuas principaes anomalias. Para os fins ſobreditos aconſelha aos que quizerem trabalhar em Obra taõ util, a liçaõ do *Enſaio* de *Locke* ſobre o entendimento humano, das Obras de *Condillac*, de *Hartley* na Explicaçaõ Fyſica dos ſentidos, da Grammatica univerſal de *Mr. Beauzée*, e da de *Buffier*, das Obras de *Mr. du Marſais*, da Carta ſobre os ſurdos e mudos de *Diderot*, dos Artigos da Encyclopedia ſobre a Grammatica, e outras ſemelhantes ſobre a Filoſofia das Linguas.

peſſôas que exiſtiraõ na Naçaõ Portugueza, deſde o ſeu principio até ao reinado do Senhor D. Affonſo V., e quaes os ſeus diverſos fóros, privilegios, e obrigações.

II.

Que uſo, e authoridade tinha o direito Gotico em Portugal no principio da Monarquia; porque cauſas, e meios ſe foi antiquando, e que veſtigios d'elle ſe encontram ainda na noſſa legislaçaõ.

Os premios ordinarios conſiſtem em huma medalha de ouro do valor de 50$000 reis, e todas as Peſſôas podem concorrer, menos os Socios Honorarios e Effectivos da Academia.

As condições geraes para todos os aſſumptos propoſtos ſaõ: que as Memorias ſejaõ eſcritas em Portuguez, ſe os ſeus Authores forem nacionaes d'eſtes Reinos: que ſejaõ remettidas ao Secretario da Academia por todo o mez de Janeiro do anno em que houverem de ſer julgadas; e que os nomes dos Authores venhaõ em carta fechada, que traga a meſma diviza, que a Memoria, para ſe abrir ſómente no caſo que eſta ſeja premiada; e em fim que as ditas Memorias premiadas naõ poſſaõ ſer impreſſas, ou publicadas ſenaõ por ordem, ou com licença expreſſa da Academia. Palacio Real de N. Senhora das Neceſſidades 17 de Janeiro de 1790.

JOSÉ CORRÊA DA SERRA
Secretario da Academia.

Na Offic. da Academia Real das Sciencias. Anno 1790.
Com licença da Real Meza da Commiſſaõ Geral ſobre o Exame, e Cenſura dos Livros.

PROGRAMMA

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE LISBOA,

DE 17 DE JANEIRO DE 1789.

APPENDIX

PROGRAMMA.

Niſi utile eſt quod facimus, ſtulta eſt gloria.

HAVENDO moſtrado a experiencia, que os premios que diſtribuio atégora a Academia Real das Sciencias, naõ eraõ ſufficientes em numero, nem em diverſidade de materias, para correſponderem aos fins para que ſe tinhaõ eſtabelecido; que eraõ naõ ſómente de adquirir noticias, e adiantar as Sciencias pelo que pertence aos pontos propoſtos; mas tambem de excitar emulaçaõ; e por aſſim dizermos, eſpertar os engenhos nacionaes para o eſtudo profundo das Sciencias uteis; e hir ao meſmo paſſo conhecendo as peſſoas de talento e de ſaber, com as quaes pudeſſe dignamente encher os lugares, que o curſo natural dos ſucceſſos humanos deixaſſe vagos neſta Sociedade: determinou a meſma Academia eſtabelecer huma nova ordem na diſtribuiçaõ dos premios, para mais efficazmente alcançar os fins que deſeja. Os premios que por ora propõe ſaõ os que julgou mais proporcionados para o eſtado actual das letras na Naçaõ Portugueza, reſervando para os annos vindouros augmentallos, e variallos ainda mais, ſegundo as circunſtancias o permittirem. Dos premios antecedentemente propoſtos, encorporou neſte Programma aquelles, cujos prazos concorriaõ exactamente com os da nova diſtribuiçaõ; deixando, como a probidade o requeria, os que naõ puderaõ por eſte modo introduzir-ſe no preſente Programma, para infallivelmente ſe diſtribuirem nos tempos para que foraõ propoſtos.

OS PREMIOS SAÕ OS SEGUINTES.

PELA CLASSE DAS SCIENCIAS NATURÁES.

EM FISICA.

Para o Anno de 1790.

QUaes ſaõ os defeitos Fiſicos na preparaçaõ dos peixes ſalgados nas noſſas peſcarías, que prejudiquem á ſua conſervaçaõ e ſalubridade; e quaes os methodos que ſe devem uſar, para ſe aperfeiçoar entre nós eſte taõ importante ramo de ſubſiſtencia, e de commercio.

Para o Anno de 1791.

Dar o meio mais facil e menos diſpendioſo de tirar do ſal marinho ou commum, a baze alkalina, de modo que poſſa eſta deſembaraçada de acido ſervir nas fabricas, e convir ao commercio deſte Reino.

Premio fixo para todos os annos.

Deſcripçaõ Fiſica e Economica de alguma Comarca, ou territorio conſideravel do Reino ou Dominios.

nios Ultramarinos, com obſervações uteis á Agricultura e induſtria Nacional. (1)

EM AGRICULTURA.

Para o Anno de 1790. com premio dobrado.

Qual he o methodo mais conveniente, e cautelas neceſſarias para a cultura das vinhas em Portugal; para a vindima, extracçaõ do moſto, conſervaçaõ, bondade e fermentaçaõ do vinho, e para a melhor reputaçaõ e vantajem deſte importante ramo do noſſo commercio. (2)

Para o Anno de 1791.

Quaes ſaõ as utilidades e prejuizos das queimadas; do modo que ellas ſe praticaõ em varias provin-

(1) Dezeja a Academia que eſtas Memorias comprehendaõ, além da Hiſtoria dos tres Reinos da Natureza do paiz que deſcreverem, feita ſegundo o ſyſtema de Linneo, o eſtado da povoaçaõ, da Agricultura, das Artes Mecanicas, da induſtria e do commercio com as terras viſinhas, ou com os eſtrangeiros: os defeitos que podem notar-ſe em cada hum deſtes ramos, e os meios de ſe emendarem: finalmente o augmento que he capaz de receber o commercio, e riqueza do tal Paiz, ou em geral a induſtria dos ſeus habitadores.

(2) Dezeja a Academia que os Autores das Memorias indiquem as differentes variedades de cepas com os ſeus nomes triviaes, caracterizadas ſegundo em outras eſpecies de frutas, e nas meſmas videiras tem praticado o Abbade Rozier, Duhamel, e outros Naturaliſtas Agricultores; qual ſeja a propriedade e valor de cada huma, a reſpeito da qualidade e quantidade do vinho que produzem; e qual o

vincias deſte Reino; e quaes methodos ſe podem uzar para conſeguir as meſmas vantagens, evitando os prejuizos que ſe ſeguem da pratica e methodo vulgar.

EM MEDICINA NACIONAL.

Ainda que a Medicina em geral naõ ſeja do numero das Sciencias, que a Academia tem fixado para objecto dos ſeus trabalhos; com tudo conſiderando eſta Sociedade, que cada naçaõ tem circunſtancias Fiſicas e Moraes que lhe ſaõ particulares, as quaes trazem conſigo doenças mais particulares e endemicas, ou alteraõ por varios modos a natureza das queixas geralmente conheçidas, como tambem de neceſſidade devem alterar o methodo das curas; rezolveo promover eſta parte taõ importante da Hiſtoria da Natureza de Portugal e das ſuas conquiſtas. Para conſeguir eſte fim, naõ ſómente eſtabeleceo huma commiſſaõ de Socios e Correſpondentes, para trabalharem determinadamente neſte aſſumpto; mas determinou tambem propôr premios annuaes, para ſe aclarar ſempre mais eſta materia, e para acoſtumar a Mocidade Medica, que dá taõ grandes eſperanças, a obſervar continuamente as circunſtancias particulares da noſſa Naçaõ. Os premios que por ora propoem ſaõ os ſeguintes.

Pa-

terreno que lhes convem: os inſectos que lhes ſaõ perniciоſos, e ſe ha alguma cautela util contra elles, ou modo conveniente de deſtruillos; as cauzas e remedios experimentados de algumas enfermidades a que o vinho he ſujeito; o diverſo methodo de o fazer, praticado em varios lugares deſte Reino e fóra delle; como tambem o de o guardar, purificar, e preparar para o commercio; ſe ha meio de conhecer os que ſaõ malicioſamente falſificados; e finalmente como poderaõ imitar-ſe os melhores e mais eſtimados eſtrangeiros.

Para o Anno de 1790.

Deſcrever o temperamento Medico actual de Lisboa (que ſe obſerva taõ differente do que foi ha hum ſeculo) expondo o grão de actividade dos nervos, as crizes a que geralmente ſe inclinaõ as doenças agudas, e as particularidades nos ſimptomas decizivos e caracteriſticos, que fazem a baze da practica; tudo deduzido da boa obſervaçaõ, tanto pelo que pertence ás doenças, como ao effeito dos remedios.

Para o Anno de 1791.

Viſto que entre nós cada vez mais ſe encontraõ enfermidades de nervos, e ſobre tudo as que chamamos hyſtericas, contra as quaes ſaõ geralmente baldadas todas as diligencias da Medicina, convem examinar 1° ſe ha algum meio para acertar neſte ponto, applicando em temperamentos e cazos proprios os dous methodos de que ſe coſtuma uzar, a ſaber de remedios corroborantes, e relaxantes 2° Influindo para a vulgaridade deſte mal, a educaçaõ os coſtumes, os alimentos, os veſtidos das crianças, que mudanças cumpre fazer para creſcerem mais robuſtas, ſãs e fortes: iſto provado com experiencias.

Para o Anno de 1792.

Havendo ha annos entre nós muitas mais Tizicas do que antigamente ſe obſervava, pede-ſe hum exame das cauzas de taõ fatal deterioraçaõ, diſtinguindo as eſpecies mais frequentes em Portugal,

e principalmente em Lisboa; os meios prezervativos, e o methodo mais proveitozo e approvado pela experiencia, notada em diarios e obſervaçoẽs exactas, para remediar eſta ſorte de enfermidade, notando-ſe em cada periodo, o que mais convem; aſſim no que pertence aos remedios, como aos alimentos, veſtidos, habitaçaõ.

No meſmo Anno para o Brazil.

Examinar a cauza de ſe ter feito a Morféa taõ vulgar no Rio de Janeiro, e principiar já a havella na Bahia; e dar o methodo mais proveitozo para a extinguir, e prezervar della os póvos, viſto que naõ he ahi endemica; ſe a total mudança de alimentos, de atmosfera, ou ſe alguma droga póde completar a cura deſte mal, já aplicando o qne ſe tem feito em outras partes, já fazendo novas tentativas.

PELA CLASSE DAS SCIENCIAS EXACTAS.

EM NAVEGAÇAÕ.

Para o Anno de 1790. Com premio dobrado.

ASſignar os meios mais expeditos e mais ſeguros, para conhecer no mar, que diſtancia, e a que rumo ſe tem navegado, em hum tempo dado.

Pa-

Para o Anno de 1791.

Dada a ſecçaõ horizontal de hum navio feita á flor d'agoa, e a ſua ſecçaõ vertical pelo plano da caza meſtra, determinar entre todas as ſuperficies curvas, continuas e diſcontinuas, que podem paſſar pelas linhas que terminaõ as ſobreditas ſecçoẽs aquella que, poſto o navio em movimento pela acçaõ do vento ſobre as velas, fará que elle experimente nas agoas a minima reſiſtencia, e reciprocamente, dada a figura e as dimenſoẽs de hum Navio, determinar o angulo que o plano da ſecçaõ feita á flor d'agoa, deve fazer com o plano da caza meſtra para que o Navio ſe mova com a maxima velocidade.

EM ARTES MECANICAS.

Para o Anno de 1790.

Hum exame dos inſtrumentos que ſe uzaõ em Portugal para effeito de lavrar as terras, comparando-os com os das outras naçoẽs, e applicando ás noſſas circunſtancias e qualidades de terra, tudo o que nelles houver de mais perfeito que os noſſos.

Para o Anno de 1791.

Comparar os carros e maquinas de conducçaõ que entre nós ſe uzaõ com os das outras Naçoẽs, applicando para a perfeiçaõ das noſſas, tudo o que ſe achar melhor nas Eſtrangeiras, havendo ſempre reſpeito ás noſſas circunſtancias.

PE-

PELA CLASSE DE LITTERATURA PORTUGUEZA.

EM LINGUA PORTUGUEZA.

Para o Anno de 1790.

DEſcrever o eſtado actual da noſſa Litteratura, pelo que pertence ao bom goſto de fallar e eſcrever fazendo huma enumeraçoõ ſiſtematica dos vicios e defeitos que ſe devem emendar; indagando as cauzas e origẽs deſtes vicios, provadas naõ ſó com argumentos concludentes, mas tambem com exemplos.

Para o Anno de 1791.

Formar huma arte de locuçaõ applicada á natureza da noſſa lingua, illuſtrando cada preceito com exemplos tirados dos antigos, e modernos de perfeito goſto, e ajuntando a cada preceito, a theoria do vicio que ſe lhe oppõe, illuſtrado da meſma ſorte com exemplos do máo goſto dos modernos.

Aſſumpto extraordinario propoſto ſem determinaçaõ de tempo.

Huma Grammatica Filoſofica da Lingua Portugueza. (3)

EM

(3) Dezeja a Academia huma Grammatica Filoſofica da Lingua Portugueza, em que ſe contenhaõ principios certos

EM POESIA E THEATRO NACIONAL.

Huma Tragedia Portugueza.

Huma Comedia Portugueza de caracter, em verſo ou em proza.

Eſtes premios ſeraõ fixos para todos os annos, como tambem os ſeguintes.

Quatro medalhas de prata da meſma grandeza e cunho que as de ouro dos premios ordinarios da Academia, ás quatro melhores compoziçoẽs Poeticas que naõ ſejaõ, Epopea, Tragedia ou Comedia.

E M

---

e claros, e por conſequencia accommodada ao enſino da Mocidade nas Eſcolas das primeiras Letras. Que nella ſe deve primeiro tratar do que he commum á Grammatica de todas as Linguas, e da origem e progreſſos dos conhecimentos humanos, iſto he, do modo com que ſe adquirem as idéas; como ellas ſe compõem; como ſe analyzaõ; como ſe fazem univerſaes; e como ſe fórmaõ os noſſos juizos e raciocinios, tudo iſto relativamente aos ſinaes com que ſe exprime cada hum deſtes actos do entendimento; dos termos geraes e como elles ſe formaõ: do modo de ſignificar e uſo das particulas, &c.: que de toda eſta Grammatica univerſal ſe faça applicaçaõ á Lingua Portugueza, dando huma idéa a mais clara que poſſivel for, da ſua analogia nas partes, ſobre tudo da Etymologia e Syntaxe, e explicando as ſuas principaes anomalias. Para os fins ſobreditos aconſelha aos que quizerem trabalhar em huma Obra taõ util, a liçaõ do *Eſſai de Locke ſur l'entendement humain*, das Obras de *Condillac*, de *Hartley* na Explicaçaõ Fyſica dos ſentidos, da Grammatica univerſal de *Mr. Beauzée* e da de *Buffier*, das Obras de *Mr. du Marſais*, da Carta ſobre os ſurdos e mudos de *Diderot*, dos Artigos da Encyclopedia ſobre a Grammatica, e outras ſemelhantes ſobre a Filoſofia das Lingua-

EM HISTORIA PORTUGUEZA.

Para o Anno de 1790.

Huma Hiſtoria circunſtanciada da arte Typografica em Portugal, deſde a ſua introducçaõ neſte Reino até ao prezente. (4)

Para o Anno de 1791

Qual foi a fórma do exercito Portuguez em Europa, relativamente ao numero dos Soldados, ás diverſas eſpecies de tropas, ás armas de que cada huma uzava, á repartiçaõ dos corpos Militares e jerarquia do mundo, e ao modo com que ſerviaõ na guerra deſde o principio da Monarquia até á invazaõ de Filippe. II.

EM DIREITO PATRIO.

Ainda que os eſtudos Juridicos naõ entrem no plano da Academia, com tudo o direito Patrio he hum dos objectos, que eſta Sociedade com maior diſvelo dezeja illuſtrar e promover, como o mais precio-

(4) Deve-ſe individuar quem a introduzio; quaes foraõ entre nós os impreſſores mais famozos; ſe ſe diſtinguiraõ por algumas inſignias ou emprezas; em que Cidades principalmente ſe eſtabeleceraõ; quaes foraõ as impreſsões particulares em Conventos, Villas &c. aonde naõ coſtumava havellas; ſe houve entre nós correctores celebres; e finalmente em que tempos e em que lugares houve impreſſões nas noſſas Conquiſtas.

ciozo ramo da Litteratura Nacional. As noſſas Leis ſaõ os factos da noſſa Hiſtoria, que mais nos importa conhecer, e a illuſtraçaõ dellas depende inteiramente dos conhecimentos da Hiſtoria e Litteratura Portugueza. Por eſta cauza determinou a Academia inſtituir premios annuaes de Direito Patrio, e propoem por ora os ſeguintes.

Para o Anno de 1790.

I.

Dar huma idéa juſta do que eraõ as Behetrias, e em que differiaõ dos Coutos e Honras, para intelligencia da Orden. do Liv. 2. tit. 48.

II.

Qual foi nos tempos antigos e nos modernos o uzo do direito de Correiçaõ, e qual ſeja a ſua natureza.

Para o Anno de 1791.

I.

Qual foi a epoca certa da introducçaõ do Direito de Juſtiniano em Portugal, o modo da ſua introducçaõ, e os gráos de authoridade que entre nós adquirio.

II.

Qual foi a origem, quaes os progreſſos, e as variaçoẽs da juriſprudencia dos Morgados em Portugal.

Os premios ordinarios conſiſtem em huma medalha de ouro do valor de 50$000. reis, e todas as peſſoas podem concorrer, menos os Socios Honorarios e Effectivos da Academia.

As

As condiçoẽs geraes para todos os aſſumptos propoſtos, ſaõ: que as Memorias ſejaõ eſcritas em Portuguez, ſendo os Autores dellas Nacionaes deſtes Reinos: que ſejaõ remettidas ao Secretario da Academia por todo o mez de Janeiro do anno em que houverem de ſer julgadas; e que os nomes dos Autores venhaõ em carta fechada, para ſe abrir ſómente no caſo de ſer premiada a Memoria, que lhe pertence; e em fim que as ditas Memorias premiadas naõ poſſaõ ſer impreſſas ou publicadas, ſenaõ por ordem, ou com licença expreſſa da Academia. Palacio Real de N. Senhora das Neceſſidades 17 de Janeiro de 1789.

JOSÉ CORRÊA DA SERRA,
Secretario da Academia.

LISBOA.
NA OFFIC. DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.
ANNO 1789.
Com licença da Real Meſa da Commiſſaõ Geral ſobre o Exame, e Cenſura dos Livros.

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.

3 2044 094 035 961